



## Vale do Paraíba: cultura e arte

*Olga de Sá*

Doutora em Comunicação e Semiótica, pós-graduação em Psicologia clínica, licenciada em letras Clássicas, bacharel em Biblioteconomia, especialização em Orientação Educacional, escritora, poeta.

No cenário nacional, o Vale do Paraíba destaca-se, por suas características geográficas e culturais.

O Prof. José Luiz Pasin, de saudosa memória, grande conhecedor da região, em sua publicação Vale do Paraíba: ontem e hoje, nos informa de que, desde meados do século XVII, erigida oficialmente a Vila de São Francisco das Chagas, de Taubaté, o povoamento do Vale foi-se realizando, a partir das incursões dos sertanistas em busca dos índios e metais preciosos, até a industrialização mais recente: Guaratinguetá, Jacareí, Tremembé, Pindamonhangaba, São José dos Campos, Lorena, Aparecida, Caçapava, foram povoados, vilas e depois cidades, resultantes desses desbravamentos, sem falar de outros em Minas Gerais e o Vale Fluminense.

O Rio Paraíba do Sul foi o caminho natural de penetração e comunicação. Pasin nos informa de que os sertões que margeavam o rio Paraíba eram cortados por picadas abertas na mata, trilhas indígenas, ao longo de serras e espigões. Rios e ribeiros afluentes desciam da serra da Mantiqueira, da Bocaina e do Quebra-Cangalha. Os caminhos para o mar (Paraty e Ubatuba) também são referências constantes. O livro A estrada real: caminhos & roteiros do referido professor reúne itinerários preciosos para o conhecimento do povoamento do Vale: a narrativa de Anthony Knivet, de 1596; o itinerário de Glimmer, de 1601; a jornada de Fernão Dias Paes, de 1674; o roteiro das Minas de Ouro que descobriu o Vigário João de Faria Filho; o roteiro do Caminho Velho da cidade do Rio de Janeiro para as Minas dos Cataguás e do rio das Velhas, jornada do governador Arthur de Sá e Menezes, em 1699; a Carta para Mendo de Foyos Pereira, sobre as Pedras Minerais de dom Rodrigo de Castelo Branco; o roteiro do Caminho da Vila de São Paulo para as Minas Gerais e para o rio das Velhas, de André João Antonil, de 1711; o diário

da jornada de Dom Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcello, 4º Conde de Assumar, da cidade de São Paulo às Minas Gerais, em 1717 e outros roteiros significativos e interessantes. Em meio a essas narrativas de viagens há passagens curiosas, que nos surpreendem por constataremos os perigos que todos corriam e as necessidades pelas quais passavam.

Da cana de açúcar ao café, cujo período áureo se deu em meados do século XIX, o Vale transformou-se na principal região econômica da Província de São Paulo: Lagoinha, Paraibuna, Jambeiro, Pinheiros, Jataí, Roseira, Bonfim, Redenção da Serra, São Bento do Sapucaí, Natividade da Serra, São Luís do Paraitinga, Cunha, sem contar a expansão pelo Império na direção do Rio de Janeiro e do Vale Fluminense: São José do Barreiro, Areias, Silveiras, Lavrinhas, Cachoeira Paulista, Cruzeiro, Queluz, Vassouras, Valença, Três Rios, Paraíba do Sul, Resende, Piraí, Barra Mansa, Bananal, Campos, Macaé etc. Em 1897, a Estrada de Ferro D. Pedro II, ligando Rio a São Paulo. Lembremos dos portos de exportação de café: Paraty, Mambucaba, Ubatuba, São Sebastião, Ariró e Jurumirim.

Começa com o trem, o declínio da navegação do Paraíba. Entre Cachoeira e Caçapava, entre Lorena e Pindamonhangaba, já não correm tantas balsas e chatas pejudadas de mercadorias, nem lanchas a vapor, de passageiros, como a do comendador Arlindo Braga do Engenho Central Lorenense. Desaparece o porto fluvial de Guaratinguetá, como testemunha Alves Motta (1967, p.80)

Emílio Augusto Zaluar, em 1860, registrou em seu livro *Peregrinação pela Província de São Paulo*, o luxo e a opulência da aristocracia rural valeparaibana:



Dona Benta e tia Anastácia - Piracuama, nov.1998.

Como reflexo da riqueza produzida pelo café, as cidades vale-paraibanas passaram por um rápido processo de crescimento e urbanização a partir de 1840; ruas calçadas, iluminadas, mercados, chafarizes, teatros, colégios religiosos, para meninos e meninas, colégios particulares, aulas de francês, etiqueta e dança, jornais, cemitérios com túmulos de mármore de Carrara, Santas Casas de Misericórdia, asilos, Grêmios literários, clubes recreativos, bandas de música, festas religiosas com pregadores e orquestras vindas da Corte, navegação a vapor no rio Paraíba (Pasin, 1988).

Crescendo econômica e politicamente, o Vale também se projetou culturalmente, seja na celebrada arquitetura, na decoração dos ambientes, na moda, no teatro, seja nas artes plásticas, nas letras e, mais especificamente na Literatura. Na pintura, basta o nome de Quissak Júnior para marcar a presença do Vale, na História das artes, no Brasil; no cinema, Mazzaropi; na escultura, Boanerges, Demetrio.

Na Literatura, nenhuma cidade do Vale, por pequena que seja, deixa de ter um escritor, um poeta, um político, historiador ou jornalista, que não tenha escrito algum livro e se projetado, nas Letras. Entre 1850 e 1880, o Vale teve uma imprensa ativa. Guaratinguetá, em 1858, editava O Mosaico. O silverense Vicente Félix de Castro, em 1861, publicou um romance intitulado Os mistérios da raça, considerado o precursor do romance paulista. Em 1871, publicou a História de um voluntário da guerra do Paraguai.

Em São Luiz do Paraitinga, considerada cidade-monumento por sua arquitetura, temos Oswaldo Cruz, que não sendo um literato, deixou uma vasta obra científica. Em São Luiz, já existiu um Ateneu literário, que promovia muitas sessões de literatura, tinha correspondentes (como o Conde Moreira Lima, de Lorena) e uma significativa biblioteca.

Na década de 1880, clubes sociais traziam de São Paulo e do Rio, para o Vale, grandes escritores e poetas, como Olavo Bilac, Coelho Neto, e artistas de renome como Apolonia Silva, Flora Teixeira, Rita Prado, Ismênia Santos, Luzia Leonardo e Nina Souza.

Não se pode falar em Literatura, no Vale, sem nomear Monteiro Lobato, de

Taubaté, criador da Literatura infantil, no Brasil; Cassiano Ricardo, de São José dos Campos, eminente poeta; Ruth Guimarães, de Cachoeira Paulista, romancista, contista e folclorista, hoje pertercente à Academia Paulista de Letras; também de Cachoeira, Waldomiro Silveira, criador do conto regionalista, usando a linguagem caipira; de São Bento do Sapucaí, Miguel Reale, pensador e filósofo, Eugênia Sereno, romancista ímpar, cujo único romance é um assombro, no dizer de Osmar Pimentel; Plínio Salgado, cuja ideologia se pode contestar, mas não seu talento literário.

Aparecida, Santuário Nacional, teve José Pires do Rio, homem público e eminente político; o Pe. José Geraldo de Souza, músico de renome internacional; a folclorista Maria de Lourdes Borges Ribeiro, uma das fundadoras da Comissão Nacional de Folclore.

Bananal foi o município mais rico da Província de São Paulo, pois o orçamento da Câmara superava o da Capital. A Baronesa de Bela Vista mantinha um salão literário, no Rio de Janeiro, onde recebia José de Alencar, Macedo e outros. Agostinho Ramos é de Bananal, o embaixador Luís de Almeida Nogueira Porto fez um levantamento histórico das fazendas de café do município.

Cunha, no alto da Mantiqueira, hoje estância climática que produz também um artesanato de cerâmica totalmente original; tem Oracy Nogueira, sociólogo, que combate a idéia de que o preconceito racial seja uma unanimidade nacional. De Cunha, é também Ulpiano Bezerra Toledo de Menezes, fundador do Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo. De Cunha, são também os Veloso, que além de escritores, cuidam muito

da cultura regional e mantêm um museu histórico.

Guaratinguetá tem uma quantidade de personalidades ilustres, em vários campos do saber. Dos escritores é certamente o mais importante Brito Broca, que foi exilado pela política dos Rodrigues Alves. Francisco de Assis Barbosa, Homero Senna, Alves Motta Sobrinho são nomes que dignificam a vida literária da cidade. Falecido recentemente e nunca esquecido, José Luiz Pasin, que conheceu e escreveu abundantemente sobre o Vale do Paraíba, era hábil conferencista e professor amado por seus alunos. Pasin era realmente filho de Aparecida.

“Lorena tem Haroldo de Azevedo, geógrafo e político, José Geraldo Evangelista, da Academia Paulista de Letras; o historiador Paulo Pereira dos Reis e outros. Um dos escritores mais lidos é o poeta Péricles Eugênio da Silva Ramos, da geração de 45, considerado o melhor tradutor dos sonetos de Shakespeare, no Brasil.” (Pasin in Sá, 1998, p. 16)

Falando de Lorena, é preciso lembrar que Euclides da Cunha, valeparai-bano fluminense, morou na cidade, entre 1902 e 1904, encarregado de um escritório de obras públicas no Vale. Construiu pontes, grupos escolares, cadeias, rodovias. Escreveu *Os Sertões* em São José do Rio Pardo, mas corrigiu suas provas tipográficas, em Lorena, candidatou-se à Academia de Letras, pedindo o apoio de Machado de Assis por meio de carta escrita, em Lorena, foi eleito para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Henrique L. Alves coligiu 60 cartas de Euclides, provindas da cidade. Destaco uma carta que escreveu a Coelho Neto,

de 10 de setembro de 1903:

... o vento sul que está aí destacando as roseiras de Campinas, sacode, neste momento, as palmeiras imperiais da minha melancólica Lorena. É uma lufada apenas, um fragmento do sudoeste bravo, que a estas horas se estira e tumultua precipitado nas planuras dos pampas e dos charcos... (in Sá, 1988, p.21)

A figueira monumental, que se erguia à entrada da cidade, sacrificada mais tarde por um prefeito de grande sensibilidade, para colocar um obelisco do Rotary Clube, em uma fotografia esta frase de Euclides: Esta figueira é minha. (in Sá, 1988, p.21).

Júlio Cesar de Mello e Souza, conhecido como Malba Tahan, tem todo seu acervo em Queluz e foi o primeiro escritor a preocupar-se com resgatar histórias e lendas ligadas à imagem de Nossa Senhora Aparecida: Por que essa imagem teria sido jogada no Rio? Como é que a tradição popular conta as histórias ligadas a Nossa Senhora Aparecida?

Aparecida: origina-se em outubro de 1717, por ocasião da passagem do conde de Assumar (Dom Pedro Miguel de Almeida e Portugal), por Guaratinguetá, rumo às Minas Gerais, quando três pescadores saindo em busca de peixes para a mesa do Conde, encontraram a imagem de Nossa Senhora da Conceição, nas águas do Rio Paraíba, na altura do Porto de Itaguassu (Pasin, 1977, p 29, citando o Livro do tombo da matriz de Guaratinguetá)

Natividade da Serra tem Cesídeo Ambrogi, poeta e editor de livros sobre o Vale.

Pindamonhangaba tem Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, que assi-



Curupira - Piracuama, nov.1998.

nava com o pseudônimo de Juó Bananéri, cuja linguagem jocosa, mistura da fala de italiano e português, tem feito a delícia de muitos leitores. De Pinda, é também Hilda César Marcondes da Silva que criou pela primeira vez, um ciclo sobre o café, realizando um histórico sobre o assunto. Ainda José Geraldo Nogueira Moutinho, crítico literário, que pertenceu à Academia Paulista de Letras e Janar Antonio Moutinho Ribeiro, contista, jornalista, cronista.

Roseira, pequena cidade, elevada a município só em 1964, tem seu Gastão Goulart.

O Vale do Paraíba, em todos os ramos do conhecimento apresenta valeparaibanos ilustres. Oswaldo Cruz, já citado; Emílio Ribas, que fundou o Butantã e foi ligado ao combate à febre amarela, à tuberculose; Miguel Pereira estudou a cólera morbis, a sífilis; Carlos Lacaz e Paulo da Silva Lacaz, especializados em medicina e doenças tropicais; Euclides de Jesus Zerbini, médico famoso; José

Luís Cembranelli, precursor das pesquisas cancerígenas, no Brasil. E muitos outros, já nomeados ou não, constituem a glória dessa região. (cf. Pasin in Sá, 1998, p.25)

Observamos como, de uma modesta economia de subsistência, permeada de histórias e lendas, de bandeirantes e tropeiros, o Vale povoou-se, até que exauridas as ricas jazidas dos Campos Gerais, desenvolveu-se o cultivo da cana de açúcar.

Dos engenhos que se ergueram surgiram as primeiras grandes sedes de fazendas, capelas e senzalas. Depois veio o reinado do café, trazendo muitas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, alterando usos e costumes, substituindo o transporte feito pelas tropas de muares pelo trem de ferro.

Com um acervo de dezoito cidades, doze vilas e três freguesias, o Vale do Paraíba iniciou o século vinte, assistindo ao fim do café e ao início do ciclo da agropecuária leiteira. Nos

anos cinqüenta aconteceu a explosão industrial. A partir de São José dos Campos, por Jacareí, por Caçapava e por Taubaté, as indústrias seguiram o curso do rio e as margens da via Dutra, trazendo um novo sentido à vida valeparaibana. (Maia, s/d, p.11)

O ensaio de Thereza e Tom Maia publicado nos Cadernos Culturais do Vale do Paraíba segue uma interessante abordagem do assunto cultural, distribuído por áreas: Da arte da Música, Da arte sacra, Da arte dos santeiros (especial destaque), Da arte da oratória, Da arte de curar, Da arte de morar, Da arte de ensinar, Da arte da imprensa, Da arte cênica, Da arte da memória. Em cada tópico destacam-se artistas, orquestras, bandas de música, grandes pintores, artistas do entalhe, preciosas capelas, prestigiosos e piedosos oradores como o franciscano Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, hoje o primeiro santo Brasileiro. Frei Galvão também era poeta e foi membro da Academia dos Felizes, a primeira Academia de Letras de São Paulo, no século XVIII.

O capítulo da arte de ensinar menciona alguns colégios de Taubaté, Pindamonhangaba, mas não nomeia o Colégio do Carmo, de Guaratinguetá, fundado por Mons. Filippo, em 1891, que já celebrou seus cem anos. Mas os autores, ao escreverem sobre A mulher e o Vale do Paraíba, destacam as Irmãs Salesianas, como educadoras, no Colégio do Carmo.

Os mesmos autores salientam nas artes Cênicas, marcadas pelo gosto popular, a criação de casas de espetáculos e teatros. Areias teve seu teatrinho para 300 pessoas, na platéia e duas ordens de camarotes; Bananal redecorou o teatro Santa Cecília pelos serviços do pintor e cenógrafo José

Maria Villaronga; em Taubaté, foi inaugurado o Teatro São José; Pindamonhangaba, Lorena, Jacareí, Aparecida, Silveiras, São José do Barreiro, mantiveram casas de espetáculos, ocupadas durante temporadas, por grupos profissionais e amadores. Guaratinguetá inaugurou o Teatro Carlos Gomes, depois Teatro Municipal e Cachoeira Paulista um teatro de que até hoje se orgulha. Caçapava e São José dos Campos também tiveram intensa vida teatral. O teatro só perdeu espaço para o cinema, quando este se difundiu e dos circos e dos palcos nasceu Mazaropi, o Charles Chaplin do cinema nacional. (cf. Maia, s/d, p.30-31)

Histórica no Vale, foi a chamada jornada da Independência, isto é, a viagem de D. Pedro à Província de São Paulo. Iniciada a 14 de agosto de 1822, na cidade do Rio de Janeiro, atravessou o Vale, em onze dias. D. Pedro foi triunfalmente recebido pelos valeparaibanos, pernoitando nas fazendas Olaria (São João Marcos), Três Barras (Bananal) e nas vilas de Areias, Lorena, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, Jacareí e Mogi das Cruzes, chegando a São Paulo, no dia 25 de agosto. (cf. Pasin, 2007, p.10).

O Vale do Paraíba foi a única região do Brasil a participar diretamente dos acontecimentos que culminaram com a separação do Reino do Brasil do Reino de Portugal, no dia 7 de setembro de 1822, na colina do Ipiranga – ali estavam naquela tarde histórica os valeparaibanos, testemunhas oculares do gesto de Dom Pedro, criador do Império do Brasil. (Pasin, 1993, p.144)

Um estudo especial sobre A mulher e o Vale do Paraíba de Tom e Thereza Maia, que recebeu o prêmio Eugênia Sereno, em 1991, faz uma séria reflexão sobre o

sistema patriarcal, pesando sobre a mulher e a família, numa sociedade agrária e escravocrata, mas destaca também educadoras ilustres, senhoras de grande poder e ricas fazendas.

Banquetes de homenagens, bailes e até queima de fogos de artifício abrilhantaram algumas festas, promovidas por senhoras da aristocracia valeparaibana..

Durante o Segundo Reinado não foram poucas as passagens de personagens importantes e visitas da Família Imperial, e mesmo dos Imperadores em pessoa, ao Vale do Paraíba. Para a recepção engalanavam-se as velhas cidades.

O livro de Tom Maia *No mundo das sinhás*, de deliciosa leitura, narra histórias simples do cotidiano de mulheres de outros tempos, das mais modestas àquelas tidas por aristocráticas; das sinhás, das nhás, das sinhazinhas, das sinhás-moças, das iaiás, das siás, das sãs, das donas, das madames; das que não eram nada disso; ou seja, os acontecimentos da vida de muitas mulheres. (Maia, 2003, apresentação)

Esse pequeno livro de história e ficção nos dá um retrato pitoresco, do cotidiano da mulher, no Vale, cercado de lendas, amores, tristezas e alegrias

Com a industrialização, o Vale só não perdeu suas paredes de pedra: a Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar. Apesar das perdas enormes, a fauna e a flora são exuberantes. Contudo, o processo crescente de industrialização, com o aparecimento de indústrias de grande porte como a Johnson, Petrobrás, General Motors, Ford, Volkswagen, Kodak e muitas outras tem provocado um impacto negativo sobre o meio ambiente, apesar de movimentos ecológicos, iniciativas governamentais e associações civis procurarem preservar quanto resta das reservas vegetais e animais.

O patrimônio cultural é intensamente defendido e cultivado; arquivos, museus, bibliotecas, academias, clubes, teatros, escolas, faculdades. Universidades de São Paulo e Rio de Janeiro multiplicam seus campos nas cidades do Vale.

Das bibliotecas, além da especializada biblioteca do INPE, em São José dos

Visconde e Marquês de Rábicó - Piracuama, nov.1998.



Campos, destaca-se a Biblioteca Conde de Moreira Lima das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, de Lorena, com um valioso acervo de obras raras brasileiras e estrangeiras, e a Biblioteca de Assuntos valeparaibanos do Instituto de Estudos Valeparaibanos, (IEV), em Lorena, especializada em temas e assuntos valeparaibanos (Pasin, 2007, p.19-20).

É Presidente atual do IEV o Sr. Prof. Nelson Pesciotta, que muito tem contribuído para a cultura da Região, inclusive liderando a criação da Academia Lore-nense de Letras.

Haveria muito que contar e recontar. Mas isso demandaria um tempo enorme, um interesse pelo assunto, que não é de muitos. Só de festas populares, Thereza e Tom Maia, durante cerca de vinte anos, conseguiram abranger as festas de trinta e cinco municípios paulistas valeparaibanos. As festas carnavalescas, as cerimônias da Quaresma e Semana Santa, as festas de São Benedito, de Santa Cruz, do Divino, as festas Juninas, as Festas de Fazendeiros, de Tropeiros, de padroeiros, de São Cosme e Damião, de Natal, de Reis.

Quero terminar este imperfeitíssimo painel sobre a cultura valeparaibana, com um texto de Água funda, romance ímpar de Ruth Guimarães, que conhece e ama o Vale, sobre ele muito escreveu, sobre as plantas, a culinária, o folclore, a arte, a linguagem, os causos.

A gente passa nesta vida, como canoa em água funda. Passa. A água bole um pouco. E depois não fica mais nada. E quando alguém mexe com varejão no lodo e turva a correnteza, isso também não tem importância. Água vem, água vai, fica tudo no mesmo outra vez. (Guimarães, s/d, p.52)

## REFERÊNCIAS:

**GUIMARÃES, Ruth. Água funda. Porto Alegre. Editora Cita, s/d.**

**MAIA, Thereza e Tom. A mulher e o Vale do Paraíba. São Paulo, EBID, 1992**

**MAIA, Thereza e Tom. Vale do Paraíba: Festas Populares. Caçapava, Cadernos culturais do Vale do Paraíba/Fundação Nacional do Tropeirismo, 2002.**

**MAIA, Thereza e Tom. Vale do Paraíba: vida cultural. Caçapava. Cadernos Culturais do Vale do Paraíba/Fundação Nacional do Tropeirismo, 2002.**

**MAIA, Tom. No mundo das Sinhás. Guaringuetá, 2003.**

**PASIN, José Luiz. Algumas notas para a história do Vale do Paraíba. São Paulo, Secretaria da Cultura, ciência e Tecnologia, 1977.**

**PASIN, José Luiz. Vale do Paraíba: ontem e hoje. Rio de Janeiro, AC&M, 1ª Ed, 1988.**

**PASIN, José Luiz. Vale do Paraíba e estrada real: caminhos & roteiros. Aparecida, Editora Santuário, 2004.**

**PASIN, José Luiz. Vale do Paraíba: História & Cultura. Lorena, Centro Cultural Teresa D'Ávila, 2007.**

**SÁ, Olga de. Arte e Cultura no Vale do Paraíba: Literatura. Lorena, Centro Cultural Teresa D'Ávila, 1998.**

**Vale do Paraíba: política & sociedade / Gabriel Chalita,... et al. Aparecida, Editora Santuário, 1993.**



# Vale Paraibanos no Dicionário de Escritores Paulistas

*Luis Correa de Melo*

## GUARATINGUETÁ

**José Antonio de Arantes Monteiro** – Nasceu a 4 de abril de 1902. Feitos os estudos preliminares, cursou o Ginásio do Estado, onde fez os preparatórios. Formando, em 1929, pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Magistrado. Exerceu a judicatura em Atibaia, etc. Juiz da 2ª Vara da Família e Sucessões da Capital. Bibliografia: Codificação do direito internacional, S. Paulo, 1925; “Da qualidade do comerciante”, S. Paulo, 1929.

**José Brito Broca** – Alceste. Feitos os estudos primários, ingressou na Escola Normal de sua terra natal, pela qual se diplomou. Fez jornalismo nesta capital, tendo pertencido ao corpo de redatores da Gazeta, que ainda representa no Rio de Janeiro, onde reside A Cigarra, Mantém, na Gazeta, uma correspondência epigrafada Bilhetes do Rio, em que recorda episódios da vida literária brasileira. Redator-chefe do Jornal de Letras. Cronista, historiador, crítico, conteur. ...incrível Brito Broca, uma das criaturas mais lidas do Brasil, um homem que se dedica, de corpo, alma e espirito, à literatura, como nenhum outro até hoje se dedicou. Não tem segredos para Brito Broca qualquer problema literário não unicamente do Brasil, mas até do estrangeiro (Alcântara Silveira).

**Bibliografia:** Americanos, crítica literária, Coleção Caderno Azul, Curitiba, Guaíra, 1944, 81 p., 19x14 cm.; Tibério, por Gregorio Marañon, trad.

**José de Castro Silveira** – Nasceu a 12 de junho de 1919. Fez, em sua cidade natal, os estudos primários, no Grupo Escolar “Alfredo Pujol”. Cursou humanidades no Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, de Botucatu. Formado, pela Faculdade de Ciências Econômicas do Rio de Janeiro. Redator do vespertino “A Gazeta” desde agosto de 1944. Tem colaborado em vários jornais e revistas do país. Ensaísta. Bibliografia: “Filhos e netos...”, ensaio.

**José de Paula Rodrigues Alves** – Nasceu a 16 de outubro de 1882. Faleceu em Buenos Aires a 6 de maio de 1944. Era engenheiro geógrafo pelo Colégio Militar do Rio de Janeiro. Formado, em 1905, pela Faculdade de Direito de São Paulo. Ingressando na carreira diplomática, foi mandado servir, no ano seguinte, em Haya, após ter prestado serviços, como secretário, na Terceira Conferência Pan-Americana, realizada na capital da República, sob a presidência de Joaquim Nabuco. Em 1908, foi transferido para Londres. Permaneceu na capital inglesa até 1913, quando, promovido a 1º secretário, seguiu para Buenos Aires. Na Argentina ficou dois anos, tendo sido por duas vezes Encarregado de negócios. Em 1915, foi removido para Estocolmo e promovido, por merecimento, a conselheiro de embaixada e, em 1917, a ministro residente, na capital sueca. Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em 1918, foi designado para servir em Pekin, onde se deteve de 1920 a 1921. Removido para Assunção, permaneceu no Paraguai até 1922. Regressando ao Brasil, o Itamarati o nomeou seu delegado à Quinta Conferência Pan-Americana reunida em Santiago do Chile em 1923. Nomeado embaixador do Brasil na Argentina, partiu para Buenos Aires. Redigiu, com Antônio Carlos de Sales Júnior e Pedro Odilon do Nascimento, o jornal “A Época”, órgão do Círculo Jurídico Acadêmico. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Historiador. Bibliografia: “Fatores históricos da proclamação da República no Brasil”.

**José Nogueira** – Nasceu a 7 de julho de 1878. Faleceu nesta Capital, no ano de 1940. Acometido de terrível mal, viveu paralítico durante os últimos vinte anos. Colaborou em vários jornais e revistas da época, tendo sido redator da “Gazeta

do Norte”. Figura no “Anuário de Jacareí” de 1906. Bibliografia: “Pernumbra”, versos, 1902; “Ser velho”, in: “Sonetos brasileiros”, de Laudelino Freire; também, in “Coletânea de Poetas Paulistas”, por Eneas de Moura, Rio, Minerva, 1951, p. 69.

**José Rodrigues Pinto** – Nasceu a 11 de fevereiro de 1903. Fez os estudos preliminares no grupo escolar de sua cidade natal e os secundários no Ginásio S. Joaquim, de Lorena. Coursou depois a Escola Normal, diplomando-se em 1919. Fez, a seguir, o curso de aviação, tendo o “brevet” de aviador militar. Frequentou, também, a Escola de Farmácia e Odontologia de Pindamonhangaba. Lecionou na escola urbana de Marcondésia (Olímpia). Poeta. Bibliografia: “Tardes sem sol”, versos, S. Paulo, Imprensa Comercial, 1940, 73 p.

**Licurgo de Castro Santos** – Nasceu a 7 de janeiro de 1853 em Guaratinguetá, onde fez os primeiros estudos. Coursou depois o Colégio Universitário Fluminense e o Colégio “Alfredo Gomes”. Faleceu a 20 de janeiro de 1893. Formado em 1876 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Médico do Departamento Nacional de Saúde. Foi suplente de deputado federal, vereador e prefeito de Assis. Residiu no Rio de Janeiro e em Formoso, tendo sido médico chefe do Núcleo Bandeirantes. Formado, seguiu para a Europa, de onde regressou em princípios de 1878, estabelecendo consultório em sua terra natal. Quando acadêmico fundou, com outros colegas, as revistas “Imprensa Médica” (1872) e “Arquivos de Medicina” (1874). Em Guaratinguetá foi redator de “O cinco de janeiro” e “O Atalaia”. Fez parte do I Congresso Paulista de 1891. Antes de morrer – conta Lafaiete de Toledo – escreveu ao “Estado de S. Paulo”

a seguinte carta: “Estou profundamente doente e sinto-me muito mal. Parece-me que morrerei hoje ou amanhã, de uma febre grave. Estou, porém, lúcido e afirmo solenemente as minhas convicções filosóficas e republicanas de toda a minha vida”. Fora o fundador do Partido Republicano de Guaratinguetá e de Lorena. Em 1891, tomou assento, como senador, na Assembleia Constituinte, tendo nessa qualidade, assinado a Constituição Republicana. “O dr. Licurgo honra, prolonga e engrandece o renome do país” (Raimundo Corrêa); “...era um democrata ardente e convicto” (Lafaiete de Toledo). Bibliografia: “Litré – comemoração da morte do chefe do positivismo”, S. Paulo, 1885; “Duas palavras sobre a filosofia positivista e o espiritualismo”, Campinas, 1888, 208 p., in-8.º.

Lindolfo Gomes, Lindolfo Eduardo Gomes (Jaime de Flaubas) – Nasceu a 12 de Março de 1875. Fez os estudos primários e secundários em Rezende, Barra Mansa e no Rio de Janeiro. Passando sua infância e juventude no interior de vários Estados, consagrou-se às tradições e aso contos populares nacionais ao mesmo tempo em que escrevia trabalhos de ficção para jornais e revistas. Poeta, folclorista e teatrólogo, dedicou-se, também, ao gênero didático. Foi inspetor de grupos escolares, inspetor técnico de ensino, lente de português na Escola Normal de Juiz de fora. Redigiu o “Astro”, de Rezende; “O Correio de Minas”, “O farol”, o “Diário do Povo”, e o “Estado”, de Belo Horizonte. Apareceu escrevendo poesias. Estreou-se, porém, como contista, publicando, em 1893, o volume “Iriantes”, a que se seguiram vários livros de novelas, romances, versos, etc.. Colaborou na revista literária “Crônica”; em “Palmeirense” e “Colombo”, de Rio Novo; “O País”, “Gazeta de Notícias”,

“Renascença”, “Guitarra”, etc., do Rio de Janeiro; “Arquivo”, de Lisboa. É colaborador efetivo do Diário Mercantil, de Juiz de Fora; da Revista Lusitana, de Lisboa; do Jornal do Comércio, da Revista da Academia Brasileira de Letras, da Revista de Língua Portuguesa e Filologia e História, Revista Filológica, do Rio de Janeiro; da Revista de Filologia Portuguesa e da Revista Nacional, de São Paulo, etc.. Escreveu também para as revistas literárias do Juiz de Fora. Excelsior, Palestras, Marília e Diário Mercantil, e no Dicionário da Academia Brasileira, Fez parte de diversos congressos de Instrução Pública, tendo sido membro da Comissão que elaborou o projeto básico da reforma do ensino normal, que foi poso em vigor em Minas. É membro das Academias Mineira e Carioca de Letras, da Academia Brasileira de Filosofia, da Sociedade Brasileira de Folclore, da Federação das Academias de Letras do Brasil, do Instituto Histórico de Ouro Preto e de várias outras instituições. Bibliografia: Iriantes, 1893; Vida Galante, novela, Juiz de Fora, Tip. Matoso, 1896; Mortalhas, romance, Cataguases, Tip. Batista; Maria da Graça, novela, publicada em rodapé no O Farol, Juiz de Fora; Trechos Líricos; Contos do Natal; Alma em Flor, Juiz de Fora, Tip. Matoso, 1896; Rimance, sonetos, Juiz de Fora, Tip. Matoso; Festas Populares, comédia, alegorias, hinos, apólogos e poesias diversas, Juiz de Fora, Ed. Revista do Ensino Médio, 1902, 152 p. 18x14 cm.; Motivos, Juiz de Fora, Tip. d”O Farol; Regras práticas de ortografia, Juiz de Fora, Tip. Brasil, 1908, 198 p. 18x11 cm.; Luto Lusitano, poemeto, Juiz de Fora, Tip. Brasil; A autoria das cartas chilenas, Juiz de Fora, Tip. Brasil, 1932; Filha Morta, poema, Juiz de Fora, Tip. O Farol; 45 Sonetos, Tip. Zappa, 1934; 2.ª ed., publicada pela Academia Mineira de Letras, Belo Hori-

zonte; Pedras no Telhado, comédia em ato; Opinião, teatro; Às escuras, teatro; Quo Vadis?, teatro; Marido conquistado, teatro; Precisa-se de uma mulher, teatro; Cá em casa, teatro; O secretário, teatro; O fantasma do morro, teatro; Uma pela outra, teatro; Anjo da Paz, teatro; Era uma vez um pastorinho, teatro; O pessoal da moda, teatro; Modos e modas, teatro; Estudos de português; Emprêgo do infinito pessoal e impessoal; O problema Cristal; Perfil bio-bibliográfico de Aureliano Pimentel; Tiradentes e a História; Metafonia; Biografia de Carlos Gomes; Elogio de Moraes e Silva; A tradicional fazenda de São Mateus; Lições de língua pátria; Primeiros exercícios de aritmética, Primeiros exercícios de leitura; O ditado na escola primária; Folhas secas, Belo Horizonte, Ed. Queiroz Breyner, 1939, 68 p.; Festa escolares; Instruções para a escrita vertical; Leitura manuscrita, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1939, 164 p.; Alguns subsídios gramaticais; Esboço histórico da instrução em Minas; Ortografia simplificada da língua portuguesa, Ed. Feira do Livro, 1938, 50p.; Contos populares, folclore; Nihil Nova, folclore; Tradições e Folclore; Culto das tradições nacionais, folclore; Contos populares brasileiros, 2ª ed., São Paulo, Edições Melhoramentos, 1948, 256 p., 18x13 cm., Leitura manuscrita, 12.ª ed., São Paulo, Edições Melhoramentos, s/d.

**Luiz Guimarães de Almeida** - Nasceu a 26 de outubro de 1917. Em sua cidade natal, onde faleceu a 13 de julho de 1952, concluiu os cursos primário, secundário e normal, exercendo, na, na infância e adolescência, atividade de comerciário. Foi, quando estudante, redator de vários periódicos locais – O Grêmio, O Eco, etc., tendo sido colaborador efetivo do Correio Paulista e O Paraíba. Um dos fundadores do Grêmio Literário Rui Barbosa.

Também participou da fundação da Casa Castro Alves, em Guaratinguetá. Iniciando a carreira no magistério, foi professor primário no grupo escolar Presidente Vargas, de Pariquera-Açu, no litoral sul paulista, sendo posteriormente removido para o de Itambé, em Barretos. Diretor da Revista Seara. Catedrático, mediante concurso, da secção de Educação do Ensino Normal; titular efetivo na Escola Normal e Ginásio Estadual de Caçapava. Foi, de 1944 a 1949, redator da revista Educação. Tem colaborado, em prosa e verso, em jornais e revistas de S. Paulo e do Rio de Janeiro: Jornal de S. Paulo, Folha da Manhã, O Estado de S. Paulo, O Jornal, etc.; Revista Administração Pública, Revista do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, etc. Em 1944, iniciou o curso jurídico, que concluiu, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Historiador, sociólogo, ensaísta, poeta, etc.

**Paulo Guimarães de Almeida** – Nasceu no ano de 1912. Fez o curso de humanidade no Colégio S. Joaquim, de Lorena. Diplomado pela Escola Normal de sua cidade natal, onde é lente de português. Colabora em vários jornais e revistas de S. Paulo. Pedagogo e ensaísta.

**Silvio Gallichio** – Nasceu a 17 de julho de 1894. Faleceu em 29 de outubro de 1942. Fez o curso primário em sua terra natal. Autodidata. Foi repórter da Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, e um dos fundadores e, por muito tempo, redator secretário da Gazeta de Mogi, de Mogi das Cruzes. Publicou várias poesias em revistas e jornais da região. Poeta.

Bibliografia: Papel de embrulho, poesias, Mogi das Cruzes, Est. Gráf. Mogiano, 1940, 52 p., 21x24cm.

**Túlio (Espíndola) de Castro** – Nasceu a

12 de março de 1889. Professor diplomado pela Escola Normas da cidade de seu nascimento. Foi diretor do grupo escolar Dr. Pádua Sales, de Jaú, e lente da Escola Normal de Comércio. Redigiu O S. Bernardo, tendo sido, também, redator de outros periódicos e revistas. Com o autor deste Dicionário, fundou, em S. Bernardo, um periódico intitulado Relâmpago, que teve curta duração. Inspetor do ensino em Jaú, membro da Sociedade Paulista de Escritores, etc. Aposentou-se no magistério em 1950. Poeta, autor didático, conferencista, etc. Bibliografia: Campos e arrebóis, leitura infantil para escola primária, Jaú, Tip. e Papelaria Cavalheiro, 1926. 208 p., 18x13 cm; Terra bonita, menção especial da Comissão do Departamento de Educação, S. Paulo, 1939; Jaú: poema comemorativo do aniversário da cidade, Jaú, Tip. Martins, 1949, 4 p. 22x14 cm.

## IGARATÁ

Benedito Sampaio – Nasceu a 11 de abril de 1883. Fez os estudos primários no Grupo Escolar Coronel Carlos Porto, de Jacareí, e os secundários no Seminário Episcopal de S. Paulo. Foi lente de português e depois diretor do Ginásio do Estado em Ribeirão Preto, cidade onde fundou e dirigiu o Colégio Sampaio. Foi também lente de português da Escola Normal de Piraçununga e do Ginásio do Estado em Campinas. Manteve polêmicas, sobre questões de linguagem portuguesa, com Silveira Bueno, Vasco Botelho do Amaral, etc. Seu livro Elementos de gramática portuguesa, foi premiado pela Academia Brasileira de Letras. Escreveu para jornais e revistas de Campinas, Ribeirão Preto e S. Paulo. Filólogo, poeta, tradutor, etc.

Bibliografia: Questões de língua, S. Paulo, Edições Melhoramentos, 1938; Falar certo. S. Paulo, Edições Melhoramentos, 1939, 224 p., 18 cm; Elementos de gramática portuguesa, obra premiada pela Academia Brasileira de Letras; O Cosmorama da cidade, Campinas; Leituras fáceis; Hélicon, versos; Fedro, fábulas; Taça vazia, versos, S. Paulo, Emp. Gráf. Revista dos Tribunais, 1941, 218 p., 19x14 cm; Polêmicas alegres de gramática, S. Paulo, Emp. Gráf. Revista dos Tribunais, 130 p., 19x13 cm; Seleta da língua portuguesa, S. Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 442 p., 24x16 cm.; Eu bem sabia, in: O Bom Ginásio, por Máximo de Moura Santos e Francisco Lopes de Azevedo, 1.<sup>a</sup> série, Rio, Alves, 1942, p. 190-192; Para o Alto e Alfinete e espada, poesia in: Poetas do Norte de S. Paulo, por Inocencio Candelaria, Gazeta de Mogi, Mogi das Cruzes, 14-1-1951.

## JACAREÍ

Almerinda Rodrigues de Melo – Formada pela Escola Normal da Praça. Lecionou no Rio Grande do Sul. Regressando a S. Paulo, fundou, quando professora no grupo escolar do Sul da Sé, uma escola noturna, com ensino e material escolar grátis, denominada Escola Popular. Figurou, por essa razão, no programa Honra e Mérito instituído radiofonicamente pela Standart Oil Co. Mais tarde, desenvolveu o seu empreendimento criando cerca de cinquenta estabelecimentos de ensino desse gênero, sob a designação geral de Associação das Escolas Populares. Organizou vários mapas do Brasil localizando as suas prelações, acompanhadas de um certo anexo com a descrição das atividades missionárias em casa sede. Fez também, para a comemoração do Dia do Papa, um estudo documentá-

rio da bandeira pontifícia, explicando o seu simbolismo, tendo escrito um trabalho sobre a história do selo postal. Tem colaborado em quase todos os órgãos católicos. Historiadora, educacionista, etc. Biblioteca: Para conhecer e amar a Jesus, 1936; A Santa Ceia e os convivas de Jesus, com um prefácio da professora Carolina Ribeiro, 1942; O livro de ouro das crianças.

Augusto de Siqueira Cardoso – Nasceu a 30 de janeiro de 1858. Faleceu nesta Capital a 12 de junho de 1917. Formado, em 1881, pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Foi promotor público e curador geral em Descalvado e Piraçununga (1882-1883), juiz municipal de Jaú, Dois Córregos e Paraibuna (1885). Advogado na Capital, onde ocupou o cargo de membro do Conselho Fiscal da Caixa Econômica do Estado. Foi eleito vereador suplente da Câmara Municipal, no quadriênio de 1896-1899, secretário da Cia. Paulistas de Vias Férreas e Fluviais, organizador e diretor do escritório da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação (1896-1905), contador e pagador da Comissão de Obras Novas e de Saneamento e Abastecimento de Águas da Capital. Membro do conselho fiscal da Caixa Econômica. Sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Historiador, genealogista, etc.

Bibliografia: Livro de família. Alguns apontamentos genealógicos sobre os ascendentes de Malta Cardoso, originários de Jacareí, Estado de S. Paulo. Tip. Duprat & Cia., 56 p.; também, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, 19: 43-71, 1914.

Benedito Mesquita Pereira – Nasceu a 9 de fevereiro de 1898. Fez o curso primário na Escola Modelo Caetano de Campos e o secundário na Escola Normal da

Praça. Foi professor de escola rural e de grupo em Itatiba, professor de português Profissional Masculina, etc. Professor particular das matérias do ciclo ginásial e do colégio. Começou a sua vida literária em 1918, no periódico Esmeralda, de Santa Rita do Passo Quatro, Em Itatiba, colaborou no jornal A Reação. Aí fez crítica literária, analisou e debateu problemas educacionais, deu asas à inspiração poética. Em 1920, veio para a Capital. Em 1926, mudou-se para Santos. Na Tribuna inseriu uma crônica epigrafada Antropofagia e enviou trabalhos para o Diário de Rio Claro e para A Gazeta, desta Capital (1929). Neste ano, retornou a S. Paulo e aqui fundou o Externato Júlio Mesquita, que teve pouca duração. Lançou então a sua História do Brasil. Interessou-se, em seguida, pelo jogo de xadrez, escrevendo a respeito nos vespertinos A Gazeta e Diário Popular repetidamente (1930-1938). Em 1946, iniciou no Correio Paulistano uma secção, Fila de erros, e mais tarde voltou a tratar do jogo de xadrez no Diário de S. Paulo. Membro da Associação Paulista de Imprensa. Historiador, ensaísta, educacionista, etc.

Bibliografia: Caderno de história do Brasil, S. Paulo, Tip. A. Tisi, 1929.

Candido Martins da Silveira Rosa – Nasceu a 16 de janeiro de 1838. Faleceu em Franca a 21 de outubro de 1903. Dedicou-se, desde jovem, ao estudo a língua latina e de francesa e arte musical. Matriculou-se, a 23 de junho de 1857, no Seminário Episcopal. Recebeu ordens menores a 17 de abril de 1859. Sagrou-se presbítero em 1860. Foi pároco de Franca. Camareiro secreto de S. S. o Papa e comendador do império. Em 1896, já era cônego quando foi elevado a Monsenhor. Fundou, em França, o Colégio N. S. de Lourdes, o Externato S. José e o Colégio S. Paulo.

Concorreu também para a fundação, em Passos (Minas), de um colégio.

Bibliografia: Divindade de Jesus Cristo, sob o pseudônimo de Hildebrando, série de 45 artigos, in: Tribuna de Franca.

Francisco de Toledo Malta – Nasceu a 23 de fevereiro de 1857. Faleceu nesta Capital a 29 de setembro de 1918. Formado, em 1880, pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Dedicou-se, desde logo, ao jornalismo, tendo colaborado na Província de S. Paulo, na Gazeta da Tarde, etc. Fez parte da redação de A Opinião Nacional. Formado, foi nomeado promotor público de Piracicaba. Recusou, porém, o cargo, partindo para Araraquara, onde se consagrou à advocacia. Em 1882, exerceu, nessa cidade, as funções de juiz municipal. Fez-se mais tarde lavrador. Proclamada a República, foi eleito deputado estadual e depois deputado federal. Secretário da Fazenda no governo Rodrigues Alves. Autor do Manifesto de apoio a Prudente de Moraes. Abandonando a carreira política, dedicou-se ao mutualismo e foi tabelião. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Publicista.

Bibliografia: Manifesto de apoio a Prudente de Moraes; A crise e seu remédio, economia política, 1899, 111 p.

Francisco Gaspar da Silveira Martins (Francisco Gaspar, José Velho) – Francisco Gaspar – José Velho. Nasceu a 20 de outubro de 1869. Faleceu nesta Capital a 21 de abril de 1921. Fez em sua terra natal os primeiros estudos. Veio, depois, para a Capital, empregando-se, como tipógrafo, na Casa Garraux, hoje Tipografia Brasil. Em 1899, entrou para o quadro de funcionários da Prefeitura Municipal, em cujo cargo se aposentou por estar sofrendo de paralisia progressiva. Sofreu muito na velhice.

Foi político socialista, candidatando-se, sem resultado, a deputado estadual, pelo Partido Operário de S. Paulo. Seu nome figura em uma das ruas da Capital. Com Artur Goulart, participou da fundação da revista Nova Cruz, Homem de letras vocacional, sua vida foi essencialmente literária, tendo colaborado em quase todos os jornais e revista do país, publicando versos, crônicas, biografias, crítica, comentários, etc.

Publicou vários livros de versos e alguns panfletos. Está incluindo na antologia Sonetos Brasileiros, de Laudelino Freire. Poeta, cronista, biógrafo, etc.

Inteligente, afetuoso, resignado (Eugênio Egas).

Bibliografia: Tiradentes, panfleto; Ninféias, versos; A revolução, panfleto; Uma visita agradável, opúsculo; Florário, versos, Flutuantes, versos; Brumas, fantasias; Calvário do sonho, versos, S. Paulo, Ed. Casa Vanordem, 1920, 130 p.; Os acadêmicos, inédito; Frivolidades, inédito; Menina e moça, soneto in: Poetas do Norte de S. Paulo, por Inocêncio Candelária. Gazeta de Mogi, Mogi das Cruzes: Menina e moça e Mendigo, in: Coletânea de Poetas Paulistas, por Eneas de Moura, Rio, Minerva, 1951, 352 p., 24, 5x17 cm., p. 45.

Henrique de Macedo – Nasceu a 29 de dezembro de 1880. Faleceu nesta Capital a 21 de setembro de 1944. Fez os estudos primários e secundários, em sua terra natal, no Ginásio Nogueira da Gama. Quando, em 1897, cursava o segundo ano do Ginásio do Estado, nesta Capital, fundo, com José Américo de Paiva e Fausto Lex, o quinzenário O Paladino. Aos 15 anos de idade, quando estudava no ginásio Jacareense, publicou um ensaio de fundo espiritualista. Fez conferências em Jacaré,

S. José dos Campos e Taubaté. Vindo para S. Paulo, matriculou-se na Faculdade de Direito, cujo curso não concluiu, transferindo-se, mais tarde, para a Faculdade de Medicina, que frequentou até o terceiro ano. Nos intervalos dos estudos, fez-se advogado de defesa em sua cidade de nascimento, chegando, certa vez, a ser nomeado juiz substituto. Formado pela Escola Homeopática do Rio de Janeiro. Doutor em filosofia pela Universidade de Ciências Ocultas de Calcutá e médico pela Universidade de Filadélfia. Durante a epidemia de gripe de 1918, dirigiu, ao lado do dr. Militão Pacheco, o hospital de emergência, instalado pela União Espírita Santo Agostinho. Militou na imprensa, tendo fundado as revistas *Iris* e *A Saúde*, e o jornal *A Tribuna*. Trabalhou, ao lado de Arlindo Leal e Olímpio, no Comércio de S. Paulo. Colaborou na revista *Crisálida*, de Jacareí, e no *Farol*, de Serra Negra. Escreveu também para o *Correio Paulistano* e o *Jornal do Comércio*, já então funcionário dos Correios e Telégrafos de S. Paulo. Também exerceu cargo na Secretaria da Fazenda. Redigiu *A Borboleta*, revista literária que se fundou nesta Capital em 1898, e foi secretário de *O Progresso*, órgão da Companhia Construtora e de Crédito Popular (1906). Com Afonso Schmidt, Gastão Costa, Quintino de Macedo e outros, fez parte da redação do quinzenário *O Cromo* (1906). Co-fundador da Loja Teosófica de S. Paulo. Traduziu poesias de autores franceses, espanhóis e italianos. Era membro da Academia de Ciências e Letras, presidente da União Espírita Santo Agostinho, fundador da Loja Teosófica, fundador e presidente da Loja Veritas, secretário da Ordem da Estrela do Oriente, presidente da Associação da Unidade Mental, secretário da Ordem Maçônica Mista, etc.

Cavaleiro de Ordem da Tavola Redon-

da. Poeta, cronista, orador, tradutor, etc.

Bibliografia: *Pátria brasileira*, prosa; *Paisagens que passam*, crônicas; *Prosa nobre*, conferências teosóficas e maçônicas, vertidas para o espanhol, inglês, francês e italiano; *Nova primavera*, versos, menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, S. Paulo, Tip. Santos e Macedo, 1924-1925, 190 p.

João Feliciano Ferreira da Silva - Nasceu a 4 de fevereiro de 1862. Faleceu no dia 28 de maio de 1944. Fez o curso primário em sua terra natal e formou-se pela Escola Normal da Boa Morte, hoje Padre Anchieta, em S. Paulo. Lecionou, em Jacareí, no Grupo Escolar Carlos Porto, no Colégio S. Miguel, hoje Escola Profissional Agrícola, Industrial e Mista Cônego José Beto, na Escola de Agrícola e Pecuária Washington Luís, no Ginásio Nogueira da Gama e na Escola Noturna, aposentando-se com 28 anos de magistério. Foi Delegado de Polícia em Santa Isabel, secretário da Câmara, membro do Conselho Consultivo, diretor da Biblioteca Municipal e orador oficial da cidade de Jacareí. Fundador da *A Tribuna* e *O Democrata* e colaborador de vários jornais da região. Cronista, historiador, conferencista, etc.

Bibliografia: *Almanaque de Jacareí para 1906*; *O Maneco da Roda*, crônica de costumes, in: *Almanaque de Jacareí para 1906*; *Dona Alice*, poesia humorística, in: *Almanaque de Jacareí para 1906*; também in: *Poetas do Norte de S. Paulo*, por Inocêncio Candelária, *Gazeta de Mogi das Cruzes*..



# Um panorama sobre mídia impressa de Guaratinguetá

*Lauro Lam*

Jornalista

Assim como um livro enfileirado na biblioteca, o jornal perde espaço diariamente para as novas tecnologias. Até mesmo grandes publicações do País estão saindo com edições minguadas e as redações vêm se transformando em desertor de monitores e mesas. Se a crise atingiu os líderes do setor o que diríamos das pequenas publicações? Hoje é a vez da Internet e seus aplicativos abocanharem o mercado editorial. Reviravoltas que exigem muita criatividade para manter vivo o papel na mão de quem busca informação e prestação de serviço. Mas, lá atrás das rodas do tempo, o jornal reinou por décadas e décadas como o principal meio de comunicação. E as cidades do vale Histórico Paulista tiveram preponderante participação através de seus veículos, contribuindo para o desenvolvimento da região ou de determinada ideologia partidária. Registros históricos que se mantêm em alguns museus, como no Frei Galvão de Guaratinguetá, onde há 70 diferentes jornais arquivados, em centenas de edições, inclusive do período Imperial, mas com muitos exemplares em más condições. Aliás, alguns estão deteriorados e quase não se consegue folheá-los. Situação precária que exigiria uma adequada digitalização por meio de parcerias público-privadas. Atividade que pouco tem despertado interesse político. Críticas à parte, o que vale neste artigo é voltarmos ao tempo. A imprensa guaratinguetaense do período Imperial reflita os debates de uma minoria, sendo uma verdadeira porta-voz ideológica dos políticos e seus respectivos partidos, como, por exemplo, era aliada ao partido Conservador ou Liberal.

O primeiro jornal a surgir na cidade foi O Mosaico, em 1858, sendo o quarto a ser lançado no interior de São Paulo, ficando atrás apenas de Sorocaba, Santos e Itu. Tendo como proprietário Valentim Ribeiro da Fonseca, era um semanal de quatro páginas. Publicava diferentes tipos de notícias desde as regionais como jantares, missa fúnebre, novenas, até internacionais como a presença de um vampiro em um trem francês, ou a morte de um parisiense, chegando a ladrões que estavam atuando na Califórnia. No exemplar de 1869 já há a presença de propagandas (livraria e loja de fazenda) e anúncios (venda de ventiladores e selins). Os dois exemplares que se encontram no Museu Frei Galvão estão em um estado ruim de conservação, um deles está em pedaços. Somente no período Imperial, Guaratinguetá chegou a marca de 51 periódicos circulando em diferentes épocas, muito de vida efêmera, como acontece até hoje em dia. Outras cidades do Vale Histórico também se destacaram na mídia impressa durante o período. Lorena teve 23 jornais, Pindamonhangaba, 37, Bananal, 19, Areias, 15 e Queluz 4. Era o auge da produção cafeeira, a escravidão dava o tom da rotina e os fazendeiros mantinham suas posições a ferro e fogo. Até mesmo anúncios sobre fugas de escravos saíam nos periódicos. Foi o que aconteceu na edição de 1878 do jornal O Cinco de Janeiro, veículo do partido Liberal, de propriedade de Antônio Franco dos Reis, que tratava de assuntos literários e poéticos:

*Fugirão da fazenda do abaixo assinado, no dia 3 de setembro, do bairro da Roseira município desta cidade os escravos seguintes: Cosme, côr fula, barba raspada...*

Interessante observar que alguns jornais, circulando sempre às quintas e domingos. Era o caso do Gazetinha e Correio do Norte. O primeiro era oposicionista e fazia críticas a política vigente, principalmente cobrando saneamento básico em Guaratinguetá. Rafael Mafra e Ernesto Castro tocavam o veículo, tendo como colaborador Benedito Meirelles. O museu Frei Galvão conta com exemplares de 1892 a 1898 do Gazetinha. Já o Correio do Norte, começou a circular no dia 30 de dezembro de 1888, sob responsabilidade de Antônio Vellozo Nogueira. Publicava assuntos da Câmara, do Matarão, casamentos, notas humorísticas, falecimentos, classificados, anúncios e poesias. Era partidário da Prefeitura, imprimindo os balancetes de receitas e despesas mensais da cidade. Sempre estava na mira das críticas do Gazetinha.

Outro jornal do período Imperial que circulou em Guaratinguetá foi A Estrela Paulista. A primeira edição saiu em dezembro de 1863, voltado exclusivamente aos interesses dos fazendeiros. Tanto é que no dia cinco de fevereiro de 1865 um dos textos trazia uma notícia tanto quanto duvidosa:

*Suicidou-se na fazenda do sr. Capitão Manoel José Bittencourt Junior, um escravo de nome João, pendurando-se em um sipó.*

Informações históricas que podem ser acessadas no que ainda resta no Museu Frei Galvão de Guaratinguetá e que também constam em um breve resumo de cada publicação contido no trabalho de iniciação científica Perfil da Mídia Impressa de Guaratinguetá, elaborado há 13 anos por meio de uma bolsa de iniciação

científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté, sob coordenação do professor Dr. Robson Bastos da Silva e fotografias do professor João Rangel. São sinopses com 70 jornais que estão arquivadas no local.

### CAVALO PARAGUAIO

Passado o período Imperial, Guaratinguetá continuou mantendo a tradição de lançar jornais. O problema é que a grande maioria não chegava na décima edição. Muitos não saíram da primeira, como é o caso do jornal do Pedregulho. Fundado no dia 12 de novembro de 1988, trouxe na capa uma matéria retratando um ano da queda da ponte metálica:

Um jornal, uma ponte... Estamos a um ano da queda da ponte metálica sobre o rio Paraíba, em Guaratinguetá, aos 90 anos de existência...

Assim como ponte caindo, registrada pelas lentes de Petrônio Vilela, o veículo afundou logo em sua estreia. Francisco Fortes, então jornalista responsável, disse que o principal problema enfrentado foi a falta de incentivo financeiro. Outro veículo que também abordava o bairro em suas edições foi o Voz do Bairro, de 1958, que teve mais cinco edições.

Mas, bem antes da década de 80, os esforços eram homéricos para manter as publicações rodando. Havia jornais de vários ramos de atuações. Das escolas e grêmios recreativos ao apoio de candidaturas a Prefeitura, de poesias aos interesses rurais, das badalações ao esporte e até os charmosos e pequeninos de bolso faziam sucesso. Cada veículo estampava bem claro qual era sua linha

editorial. Pouco se praticava da chamada imparcialidades. E será que algum dia ela foi realmente levada à risca?

A Campanha, por exemplo, já estampava em sua capa: Partido Republicano Paulista. Consequentemente, critica o Constitucionalista, como mostra este texto publicado na edição do dia seis de outubro de 1934:

*Significativo contraste... O celebre P.C., organizado em sua maioria de antigos elementos do P.R.P., com o sejam os que subscreveram grosseiro convite ao eleitorado local pelo seu directorio nesta cidade, usa de uma linguagem imprópria a gente educada e caé no terreno da falsidade, afirmando aquilo que elles muito bem sabem que não é verdade.*

Em contrapartida, A Nossa Folha, do Partido Constitucionalista, rebatia no dia sete de outubro de 1934:

*Operarios, à postos! o Partido Republicano Paulista foi o maior inimigo do operário, a desgraça da República passada! Têm amor nesses pobrezinhos inocentes? Votem só no Partido Constitucionalista.*

Quando determinado jornal investia na campanha política de determinado candidato ao Executivo municipal, a posição era totalmente aberta. Foto na capa e textos recheados de adjetivos vangloriavam o nome de quem bancava a publicação. Foi o que aconteceu no dia 12 de agosto de 1959, no jornal A Cidade. A manchete trazia as seguintes palavras: Solução para problemas de Guaratinguetá: Lauro Abranches Moreira. Mesma linha do Folha Popular, que em sua primeira edição do dia 24 de novembro de

1996, trazia um forte apelo a candidatura a prefeito de Benedito Geraldo de Carvalho. Exemplos de uma mídia provinciana que pouco se importou em investir em qualidade e independência jornalística. Para o jornalista Geraldo Dimas Carvalho Rosas, em depoimentos no trabalho Perfil da Mídia Impressa de Guaratinguetá foi a vaidade.

*Muita gente da comunicação aqui da cidade não pensa em termos profissionais e esquece que o jornal não é feito para os jornalistas e, sim, para o povo. As pessoas do ramo se colocam em um pedestal de fantasia, atrapalhando o desenvolvimento da mídia escrita, ou seja, já tentamos criar alguns diários, mas nunca chegamos a um consenso. Dessa maneira, cada produtor jornalístico acha que seu veículo é o melhor, aquela coisa provinciana. Tipicamente sucupiriana, criticou Rosas.*

Vale ressaltar que antigamente havia mais esforços para colocar jornais na rua. Tanto é que até mesmo as escolas públicas tinham seus veículos. Infância, de 1948, era dos alunos do Grupo Escolar Dr. Flaminio Lessa, publicando inclusive a classificação por porcentagem da frequência dos professores, uma atitude ousada. Costa Braga, de 1956, feito pelos estudantes da escola e ainda impresso na tipografia da unidade situada no bairro do Pedregulho. Já faziam pedidos de doações de livros para a biblioteca municipal da cidade. O grêmio Litero Recreativo tinha seu jornal assim como a Escola Normal, com O Repentino, dedicando a mocidade guaratinguetaense. O Radar era a voz do Centro Estudantil na década de 40. A Faculdade de Engenharia da Unesp também manteve vários periódicos,

como O Vetor, de 1968, e Pesquisando, de 1973.

Lutando pela emancipação político-administrativa, Aparecida contava com a força do Jornal A Liberdade, fundado no dia 16 de março de 1924, por Júlio M. Braga. No dia três de junho de 1928 publicava:

Essa personagem ilustre que é o Exmo. Sr. Dr. Júlio Prestes saberá fazer justiça, dando a César o que é de César. Ele não se deixará illudir pelas lágrimas de um crocodillo peçonhento, que de lobo faminto vestir-se-há com pelle de ovelha, para mais uma vez vedar o caminho do nosso progresso.

Lá na década de 50, o A Garça já criticava um problema que persiste pelas ruas de Guaratinguetá.

*...Sr. prefeito, precisam ser cuidados esses calçamentos. Nossas ruas mostram um aspecto miserável e nossos passeios são buracos com alguns ladrilhos. Ruas centrais, ruas adjacentes, envergonham nosso povo pela crítica dos visitantes...*

Os esportes também tinham vez nos jornais e eram destaques no Jornal da Esportiva, feito por Gilberto Braga e Carlos Marcondes; Jornal do Skate, administrado por Antônio Carlos Junqueira Ribeiro e Leonardo Quissakn e O Bolão, tocado por Mário de Oliveira. Notícias rurais tinham espaço garantido no A Lavoura, de 1924, e o Jornal da Terra, de 1993. Nos anúncios, muitos sem imagens, a criatividade era uma marca registrada, Na edição do dia 16

de julho de 1905, A Gazeta Paulista publicou um texto que chega a soar como irônico para vender o licor de cacau Xavier.

O salvador das créanças!!! O rei dos lombrigueiros!!! Gosto agradável, sem dieta, não precisando purgante. O único medicamento que faz expellir as lombrigas sem irritar os intestinos. Preço 1\$500.

## POLITICAGEM

No campo político, logo no início do século 20, as rivalidades aconteciam entre os Partidos Republicano e Constitucionalista. Ou também entre famílias que lutavam para manter o poder na cidade. Logo no começo da República, a família Rodrigues Alves assumiu o comando da política local e o jornal da situação era o Correio do Norte, tendo como principal rival o A Gazeta Paulista, que era oposicionista e administrado por Américo Mascate. Quando começaram as constantes divergências entre os alvistas e camarguistas, surgiu O Pharol, comandado por políticos do Partido Republicano Paulista, tornando-se o líder dos oposicionistas da história política de Guaratinguetá, fazendo oposição aos Rodrigues Alves, ao lado do Dr. João Batista Rangel de Camargo, que liderava a partidária contra os chefes da época. Naquele tempo só existiria o P. R. P. o frondoso e robusto jequitibá a que todos pertenciam. A partir de 1927, nasce O Eco, com bons redatores, como o autodidata Ferreira Júnior, que

aos nove anos de idade fundou o jornalzinho A Gaivota, publicando em sua primeira página a poesia Oh Brasileira. Também foi um dos fundadores da Associação Paulista de Imprensa. Dentre os políticos da cidade que se destacaram, auxiliando seus trabalhos no desenvolvimento da imprensa escrita, podemos destacar o Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, eleito Presidente da República, em 1902, com 316.248 votos. Também venceu as eleições de 1918, tendo 592.039 votos, mas não assumiu o cargo por motivos de saúde, falecendo no dia 16 de janeiro de 1919. O vice que comandou o País foi Delfim Moreira. Outro nome que contribuiu com a formação de vários jornais foi André Broca Filho. Ele apoiou muita a imprensa escrita da cidade. Sendo prefeito a partir de 1948, ele também assumiu cargos importantes, como de deputado federal e estadual. Auxiliava financeiramente o semanário Correio Paulista, apoiando fielmente o Partido Social Progressista, PSP. A sua liderança e credibilidade junto ao povo contribuiu com a imprensa transformando muitos discursos em pautas. Após deixar de lado a atuação política, Guaratinguetá elegeu poucos deputados, como Zollner Machado, Lauro Abranches Moreira, Rafael Américo Ranieri, Chicarino e mais recentemente Marcelo Ortiz. Mas nenhum teve uma ampla influência na mídia impressa como André Broca Filho. Muitos profissionais que ainda atuam nos jornais do município reclamam que falta uma liderança política para alavancar os jornais, mesmo neste atual cenário de crise.

## CENÁRIO ATUAL

Apesar de poucos dos artigos jornais permanecerem com edições sendo publicadas na segunda metade do século 20, nenhum mantém uma qualidade técnica casada com o atual momento em que vivemos. Perderam espaço e hoje sobrevivem graças a uma gráfica do tempo da roda mantida pelo gráfico Hélio Naideg, sem falar nos fieis anunciantes. Guaratinguetá conta hoje com poucos jornais impressos. O mais procurado é o Notícias por conta dos classificados. O veículo tem poucas matérias e publica mais notas sobre assuntos diversos, principalmente festas religiosas ou eventos em geral. Ainda em vida, seu fundador, Marcelus Andrade, afirmou que a ideia de seu jornal é justamente esta.

Não adianta publicarmos uma boa matéria, retranca legal, não adianta, porque não tem quem leia o Jornal. Faço um produto adequado com a realidade da população, disse em entrevista para O Perfil da Mídia Impressa de Guaratinguetá, arquivado no Museu Frei Galvão.

Atualmente, a cidade vem tendo um boom de revistas que estão conquistando uma fatia considerável do mercado publicitário. Trata-se de uma inovação que abriu uma boa concorrência mercadológica com as Rádios e TVs. Outros jornais crescem a passos lentos, mas continuam saindo há mais de 10 anos, como é o caso do Atos. Novos se apresentam, mas poucos demonstram uma independência editorial. Já a criação de um diário na cidade é vista como

uma utopia pelos profissionais que já atuaram na mídia impressa. O jornalista Arthur de Castro Fortes acha que a dinâmica do Rádio acabou com os jornais, assim como a ausência de uma liderança política nas esferas estadual e federal. Já Francisco Fortes opina que falta união.

Creio que muita gente de fora leva o dinheiro do comércio e sobra pouco para sustentar a nossa imprensa. Há também uma dispersão, pois existem muitos veículos pequenos e nenhum bom, porque cada pessoa quer ter o seu jornalzinho. É aquela coisa de individualismo, não existe união.

Para o jornalista Chiquinho Sannini, que atua na Rádio Clube e já assinou várias colunas em jornais da cidade, como Do meu caderninho sem folhas, A cidade chora e Pena que não seja em cores, o questionamento merece uma reflexão:

*A mídia impressa de Guaratinguetá é fraca porque não tem verbas ou não possui anunciantes em razão da má qualidade existente nos semanários?*

Com bons exemplos que ficaram arquivados na memória dos museus, resta aos jovens jornalistas a audácia para lançarem novos produtos no mercado midiático de Guaratinguetá. Seja impresso ou online, o que vale é a informação precisa, a credibilidade das fontes e do conteúdo. Caso contrário, os políticos vão continuar rindo sob os confetes que caem em forma de verbas públicas, editais ou anúncios oficiais.



# Comemoração da Semana do Imigrante - 28/06/1890

*Maria Eloisa Ribeiro*

Membro do CEICC - Comissão de Estudos dos Emigrantes da Colônia de Canas

## Semana do Imigrante - 24 à 28 de Junho

A Colônia Agrícola de Canas, estabelecida nos moldes do decreto nº 528 de 28 de Junho de 1890.

*“No fundo eram heróis, porque só os heróis esperam e sonham.  
Emigrar – não existe fortaleza maior que esta.  
Só os fortes atrevem – se a tanto.  
A miséria da terra natal cansa – os,  
E eles atiram à aventura do desconhecido,  
Fiando na paciência dos músculos a vitória da vida”.*

Monteiro Lobato

Lembrando a Lei nº 110/99, autoria de Antonio Sidnei Ferreira dos Reis. Art 1º - Fica instituída a “Semana do Imigrante Italiano”, no município de Canas.

## SEMANA DO IMIGRANTE

### 24 DE JUNHO

A Colônia Agrícola de Canas, estabelecida nos moldes do decreto nº 528 de 28 de Junho de 1890.

### CRIAÇÃO DA COLÔNIA DE CANAS

No final do sec. XIX, com o declínio do café, na lavoura do açúcar, surgia uma esperança de economia local.

Em Abril de 1884, a Câmara Municipal de Lorena, enviou um ofício à Sociedade de Imigração, um pedido para a vinda do imigrante para o trabalho na lavoura. Em Outubro de 1884– Inauguração do Engenho Central sob a direção do Comendador Arlindo Braga e do Barão da Bocaina.

Muito progrediu nos primeiros anos, adquirindo vastas extensões de terras para canaviais e promovendo a criação da Colônia de Canas.

Excelente localização quanto aos transportes por estar à margem da ferrovia e próximo do Rio Paraíba, O Engenho usaria uma e outro, contratados 11 barcos. Desde o início, dificuldades no Engenho Central, como a falta de matéria prima (cana) e combustível (madeira) e outros gastos que afetavam os cofres. Faltou controle rigoroso da linha e das canas recebidas, desvio de aguardente e

do próprio açúcar.

Falência do Engenho Central –12 anos após a sua inauguração, foi a leilão. Mas tarde abrigou o Posto de Subsistência do Exército e atualmente o Clube Comercial de Lorena.

A Imigração no Brasil ficou marcada por ter vindo, sobretudo do norte da Itália. A grande corrente veio de Vêneto, no nordeste italiano, região outrora com grandes problemas nas zonas rurais. O conflito na Itália gerou fome e pobreza, fazendo com que o povo italiano necessitasse deixar o país, em busca de melhores condições de vida. Qualquer promessa ou perspectiva de uma vida melhor, então era aceita. Dois anos após a inauguração do Engenho, aconteceu a chegada dos colonos estrangeiros: belgas, portugueses e a maioria italianos.

### 25 DE JUNHO

A Colônia Agrícola de Canas, estabelecida nos moldes do decreto nº 528 de 28 de Junho de 1890.

Na verdade o trecho de propriedade do governo imperial não era muito grande e foi preciso adquirir as Fazendas das Canas de Alferes Francisco Ferreira dos Reis, que tinha 968 hectares ou 200 alqueires de 100 braças em quadra e menor área ao sul, de José Joaquim de Freitas Castro, e outra ao norte, de Francisco Moraes, para acertar as divisas que iam do Paraíba ao “Pau Grande” (este pertencente ao Estado). A área foi dividida em lotes. As primeiras famílias começaram a chegar em Março de 1886 e quatro anos depois já não havia mais lotes vagos.

A Colônia foi planejada e medidos os terrenos, inicialmente 82 (oitenta e dois)

lotes rurais de 10 (dez) hectares cada um, aumentados mais tarde para 111 (cento e onze) lotes, todos rurais; e logo vendidos e ocupados pelos colonos e familiares. Num total de 309 pessoas, sendo 156 brasileiros, 112 italianos, 33 portugueses e 8 belgas. Dessas 4 etnias, sabiam ler e escrever somente 20 brasileiros, 29 italianos, 5 portugueses e 6 belgas. Todos professavam a religião católica.

Os primeiros imigrantes foram também, os primeiros colonizadores e desbravadores, porque Canas de então, era mata fechada. Não era só plantar... Antes precisava desbravar... Por essa mesma razão, nem todos os italianos que para aqui vieram, permaneceram. Muitos voltaram para a Itália. Os que aqui ficaram foram aqueles que estavam acostumados à lavoura, e aqueles que tiveram a coragem de enfrentar uma situação adversa, dentro de uma região de sertão, e muito diferente das condições de vida que levavam na Itália, mesmo em período de guerra. O desmatamento inicial das glebas, foi feita com ferramentas rudimentares, à força de braço humano. Com exceção de Pedro Sacilotti, que trouxe o seu arado, todos os outros manejaram duramente o cabo da enxada, do machado, foice, etc., não sendo poupadas nem mesmo as mulheres, que em inúmeras vezes, seguravam o cabo das panelas com as mãos sangrando.

Os trabalhadores imigrantes adquiriram a posse da terra, porém não sua propriedade. Essa só passava a ser efetivada após o pagamento de 400 mil reis por lote, feito através da produção individual de cana – de – açúcar para o Engenho Central. O prazo para a liquidação da dívida e a aquisição do título definitivo da propriedade da terra era de

4 (quatro) anos. Depois passou para 3 (três) e 2 (dois) anos, como consta em documento no ano de 1904 no valor de duzentos e um mil e quarenta reis.

## 26 DE JUNHO

A Colônia Agrícola de Canas, estabelecida nos moldes do decreto nº 528 de 28 de Junho de 1890.

### Curiosidades / IMIGRANTES

O transporte de cana era feito em jacás, atrelados a lombo de burros, que percorriam trilhas até o Engenho Central, porque naquela época, ainda não havia estrada. Outra forma de escoamento da safra era através do porto de Canas, onde a cana era embarcada em vaporzinhos, que subiam o Rio Paraíba, até o porto de Lorena. Posteriormente, foi transportada também, pela Central do Brasil. Os primeiros colonos a cultivarem o arroz, foram os Ligabos, Bertolacci e Belini, que moravam na parte baixa. O primeiro trator foi adquirido por Carlos Ligabo Filho; e o segundo, por João Antonio Marton. A primeira Colhedeira foi adquirida por Geraldo Ligabo.

O Engenho Central era equipado com uma rede ferroviária de 11 barcaças para o transporte fluvial de cana do Rio Paraíba.

1892 - Predominava a produção de cereais na Colônia de Canas, sendo produzidos 948 hectolitros de milho ou 94.800 hectolitros de feijão, 523 hectolitros de arroz e 47 hectolitros de batatas. Produção que garantiu a subsistência dos colonos e com grandes sobras para a venda desses produtos ao

comércio local.

1895 – No dia 02 de Outubro, fundada urna escola de alfabetização de adultos no período noturno, localizado na fazenda do Senhor Leandro Ligabo (hoje, propriedade pertencente a Otávio Ligabo).

O encontro dos italianos na Rua do Meio era na “Buera” (nome que se dava à passagem de água). Ali conversavam, negociavam, bebiam pinga na calada da noite.

As famílias dos colonos se reuniam para a confecção de colchões com palha de milho rasgado, quando não os faziam de capim.

Frequentavam a Festa de Nossa Senhora da Piedade em Lorena. Iam a pé, levavam os filhos, até de colo iam. A volta era de carro.

As frutas eram ensacadas com taboa (marril de taboa), A técnica dos enxertos, os Favalli conheci muito bem. O enxerto da uva era ‘casado’ com o pé de limão vermelho, o ‘amarrio’ com imbirra de banana, nos balainhos de bambu, confeccionados por eles mesmos.

## FATO HISTÓRICO

Contribuíam para a História Religiosa de Lorena, os seguintes sacerdotes filhos de Caninhas, que fizeram parte da colônia: Antonio Pazzini, Geraldo Pazzini, Alcindo Ferreira - Irmão Leigo Arlindo Marton e o missionário Pedro Sacilotti, que era uma de suas missões, foi chacinado pelos índios. Todos esses padres são filhos de imigrantes. “Histórias de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram ge-

rados, passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, definem - se em função das informações, indicações, esclarecimentos escritos ou registrados, que levam à elucidação de determinadas questões e funcionam também como provas.”

Maria Izaura P. Queiroz

## 27 DE JUNHO

A Colônia Agrícola de Canas, estabelecida nos moldes do decreto nº 528 de 28 de Junho de 1890.

Resumo da Ata da Fundação – Capela de Santo Antônio em Caninhas

1902 – Construída uma pequena Capelinha de pau – a – pique pelos Sr.s Antonio Giordani, Antonio Marton e Pedro Sacilotti.

1904 – No dia 16 de Julho, no cartório de Antonio B. de Godoy Bueno ir., primeiro tabelião de Lorena, foi doado o patrimônio para a Capela, pelo Sr. Antonio Giordani e sua esposa Sr<sup>a</sup> Cecilia Giordani.

1908– Pelos mesmos fundadores foi reformada para tijolos.

1926 – A Capela foi reconstruída e aumentada pelos Sr.s Carlos Ligabo, Angelo Giordani e Atílio Marton.

1937 – Transferido para um livro caixa, com um débito ao Sr. Carlos Ligabo de mil e trezentos e vinte e três e dez centavos. Este livro ficou entregue ao Sr. João Antonio Marton. Após dois anos de conformidade com os encarregados, esta capela passou novamente por uma reforma, tendo novo forro e novo altar.

1951 – A Capela foi melhorada, constatando o aumento da sacristia, calçamento de todo pátio interno e uma instalação sanitária, alcançando uma importância de dezoito mil e sessenta e um cruzeiros e trinta centavos, feita pelo Sr. Carlos Ligabo. “Conseguimos” pelos leilões um total de dois mil, quinhentos e vinte e dois cruzeiros. 1953 - No dia 14 de Março, de acordo com o povo do bairro foi ‘organizada’ uma nova comissão. Como presidente o Sr. João Marton Sobrinho, secretário Geraldo Ligabo e para tesoureiro o Sr. Geraldo Rodrigues do Prado.

“Eu Geraldo Ligabo lavrei esta presente ata”

Caninhas, 21 de Março de 1953

Pe. Frei Eduardo de Grama O.M.Cap.

João Marton Sobrinho

Geraldo Ligabo

### DESTAQUES / HISTÓRICOS

1922– As escolas isoladas de Canas foram reunidas e inauguradas sob a denominação de Escolas Reunidas de Canas, com o seguinte corpo docente: Elvira dos Santos Oliveira, Rosina di Domenico; Maria Luiza Franco Marques e Izaltino Aquino.

1928– Nessa época, Faustino Cesar, em «Resenha Histórica de Lorena» demonstra a existência de 40 casas, 2 olarias e 1 estabelecimento cerâmico, de propriedade de Alberto Borsetto, dotado de motores elétricos, para fabricação de tijolos, telhas comuns e telhas francesas para o consumo local e exportação.

Quanto aos limites era o seguinte: Canas limitava - se com Cachoeira Paulista - começando pelo ribeirão de Caninhas, desde a sua foz do Paraíba, até a fazenda do Cap. Antonio Esteves e José Rodrigues da Motta Coutinho, a tocar as divisas da fazenda deste com o Cel. Nogueira de Sã (Fazenda de São José) e desta, até a Serra de Quebra Cangalhas. Ficando a fazenda do Cel. Nogueira de Sã, para Lorena.

### COLÔNIA DE CANAS

Padres Salesianos:

Pe. Pedro Sacilotti e Pe. Antonio Pazzini, filhos de imigrantes (italianos), vindos da região de Vêneto.

11 de Maio de 1898– Pedro Sacilotti, nascido em Caninhas, filho de Antonio Sacilotti e Genoveva Giordani.

História Oral (2009) – Dona Virginia Giordani Queiróz (91 anos) parente de Pe. Pedro Sacilotti contou- me que uma vez por ano, na época das missões, Pe. Pedro Sacilotti visitava a família e os parentes. Para os índios levava bala, pirulito de açúcar, canivetes, assobio e tudo que podia agradar. E próximo à aldeias dos índios xavantes, colocava em cima de um pano objeto para atrair os índios, Geralmente, os índios vinham como bichos do mato, pegavam as coisas e se escondiam.

15/09/1901 – Antonio Pazzini, nascido em Caninhas, na Colônia de Canas, filho de iacynto Pazzini e Maria (Maneta) Giordani Pazzini.

Em 1929, o “quase Pe.” Antonio Pazzini assistiu à beatificação de Dom Bos-

co em Roma. Afirma Pe. Antonio Pazzini que esta foi uma das grandes alegrias de sua vida. Na sua visão prática, o Pe. Antonio Pazzini adquiriu o Palacete Veneziano e terreno da esquina Dom Bosco com a Rua Barão de Castro Lima. É nesse terreno que nasce (1952) a prestante de Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena (hoje UNISAL–Centro Universitário Salesiano).

## 28 DE JUNHO

A Colônia Agrícola de Canas, estabelecida nos moldes do decreto nº 528 de 28 de Junho de 1890.

Lions International, Boletim informativo, Leão de Lorena, Junho – 1979, nQ 12S, Caixa Postal 131 – Cep 12600–Lorena – SP, pág.7

Aqui abrimos um parêntese, para a memória prodigiosa de D. Romana Marton Giordani, filha e nora de imigrantes, com 87 anos, residente à Rua Nossa Senhora Auxiliadora, no Distrito de Canas:

*«Conta-nos com muita propriedade, que o 1º Santo Antonio, padroeiro da igreja de Caninhas, é originário da Itália e foi trazido pelo seu sogro, o imigrante Antonio Giordani, que guardava a imagem em um oratório, dentro de sua residência. Todas as tardes quando voltavam do trabalho, antes mesmo de entrarem em casa, reuniam-se pelo lado de fora e oravam para um quadro de São Sebastião, afixado em uma das janelas. Aos domingos, vestiam seus melhores trajes, tiravam o quadro de São Sebastião e colocavam em seu lugar, para adoração, o oratório com imagem de Santo Antonio e faziam suas preces. As primeiras missas realizadas em Caninhas foram nesse mesmo oratório ocasiões em que o pró-*

*prio Giordani locomovia-se para Lorena e trazia um Padre, que por falta de outro meio de transporte vinha a cavalo. Isso aconteceu até que em 1904, o próprio Giordani doou um terreno e construiu de pau-a-pique a primeira igreja de Caninhas. O Santo Antonio imigrante passou do oratório da residência para o altar da nova igreja, como padroeiro onde permaneceu até 1945. Com a reforma da igreja veio outra imagem originária para a sacristia onde permanece até hoje.*

A casa, onde se processaram as primeiras solenidades religiosas de Caninhas, foi demolida por volta de 1962. Na 1ª Igreja, originou-se também uma tradição religiosa que durou até 1978. De três em três meses faziam uma confraternização entre os devotos, em que era servido um régio café com pão e manteiga indistintamente, a todos os fieis. Posteriormente essa festa passou a ser celebrada anualmente com crescente número de fieis»

Para encerrar a Homenagem à “Semana do Imigrante”

Texto elaborado por Maria Eloisa Ribeiro, membro do CEICC (Comissão de Estudo dos imigrantes da Colônia de Canas) do Projeto: Algumas histórias de Canas / Outubro de 2009.

Centro da Evolução, Canas passou de Núcleo Colonial Agrícola (1890) para bairro, Distrito e finalmente Município (1993).

Imigrantes... Colônia de Canas

Imigrantes nas embarcações – navio a vapor... Brasil

Os imigrantes, com destino a São Paulo, desembarcavam diretamente no Porto de Santos, subiam a serra de trem

(Maria Fumaça) com destino à estação situada literalmente dentro da Hospedaria dos imigrantes, hoje transformada no Memorial do Imigrante.

## NO RIO DE JANEIRO

### ILHA DAS FLORES

Vinham cheios de esperança... suportavam as condições infames de viagem. O pavor de morrer em alto mar e ser atirado aos peixes - se apegavam às orações... São Sebastião, a Santo Antonio, a Imaculada Conceição, para que chegassem com vida em terra.

Cantavam em alta voz as canções da terra natal, para passar o tempo. Os católicos vênets, carregando crianças no colo, trouxas de roupas e na bagagem pertences agrícolas, como enxadas, machados, facões. Enfrentaram a mata cerrada (bosque), desbravaram, queimaram o mato para deixar a área limpa. Que trabalho árduo, muitos calos nas mãos... Começavam antes do nascer do sol; ho-

mens e crianças cumpriam o mesmo horário de serviço. Vivendo em condições precárias...

Plantavam cana, a famosa “criolinha”, a mais fina cana de Canínhas, e outros tipos, abasteciam o Engenho Central (Lorena). As lavouras de arroz, às margens do Rio Paraíba do Sul, enfrentavam as periódicas enchentes. O prejuízo era arrebatador.

Encontraram corações generosos, a acolhida foi boa e a maioria dos imigrantes permaneceu na Colônia de Canas, no final do Séc. XIX.

A semente da esperança foi plantada pelos imigrantes na cidade de Canas. Pela honradez, pela coragem e a fé em Deus se tornaram os vitoriosos, na Colônia de Canas!

*“Ai do povo que não tem história”*

(Provérbio Italiano)



## CANÇÃO DOS IMIGRANTES

### DE VÊNETO

“América, América  
Lá se vive que é uma maravilha  
Vamos ao Brasil  
Com toda a família  
América, América  
Se ouve a cantar  
Vamos ao Brasil  
Brasil a povoar.”

Canas/Junho/2013

## HISTÓRIA ORAL DE CANAS

Acervo - Antonio Eloy da Silva e Diõnisia Maria de Jesus Eloy

Sobradão - Canas - SP

Rua Nossa Senhora Auxiliadora, n° 200 (centro).

*Meu avô José (Giuseppe) conheceu minha avó, que é da família Giordani (também italiana) Canas. Giuseppe Sadiotti casou-se com Virgínia Giordani, também se radicaram e tiveram seis filhos. Meu avô, conhecido carinhosamente como “Bepe”, permaneceu em Canas, primeiramente com uma vendinha onde construiu o sobradão.”*

(Gilberto Sacilotti)

## História Oral - 29/08/2009

*Benedita Soledade dos Reis Silva, conta que o seu pai João José Pedro veio a São Miguel (bairro de Cachoeira Paulista - SP), com sua esposa Idalina Soledade dos Reis e os filhos Bendita e Roque - os outros cinco filhos já eram casados, e comprou o sobradão de Lázaro Sacilotti (filho caçula de Giuseppe).*

*A lembrança do assoalho e o seu brilho ainda guarda na memória... Lembra também, que na época, foi necessário trocar todo o telhado do sobradão. E as viagens no trem “Bacurau”... como gostava*

*Com dezoito anos (Benedita) casou-se com João (filho de Antonio Eloy da Silva), no dia 7/06/1949. O casamento em Lorena e a festa no sobradão (onde residia) foram servidos vários ipos de bolo, como pão-de-ló; sucos naturais e chá. Assim que casaram, foram morar no início do Alto do Cruzeiro (Alberto Borsetto), depois foram para Lorena.*

*João Eloy da Silva (82 anos) e Benedita Soledade dos Reis Silva (78 anos), meus padrinhos de batismo Canas.*

## MARIA ELOISA RIBEIRO

*A história do sobradão continua...*

*Sabe-se que pertenceu a Manoel Buzzatto; José Veloso. Também funcionou como escola...até a*

*Lurdes (esposa do Otávio Ligabo) morou no sobradão quando veio (com apenas*

08 meses) com a família (Caxambu). Posteriormente, pertenceu aos irmãos Ferreira Duarte - Geraldo, Moacir e Roberto.

Em 1997 - Prefeitura Municipal de Canas, quando empossou o 1º Prefeito Rynaldo Zanin e proprietário do mesmo.

Atualmente, o Sobradão está alugado para fins de Restaurante e lojas.

Este prédio de grande valor histórico na cidade de Canas é propriedade de Rynaldo Zanin.

*“Ai do povo que não tem história.”*

## REFERÊNCIAS

### LIVRO DE ATA - 1949

Capela de Stº Antonio - Caninhas

Gens Lorenensis - Volume VI

Antonio da Gama Rodrigues - Lorena do Séc. XIX - Vol. VII

José Geraldo Evangelista - Resenha Histórica de Lorena

Faustino Cesar - Lions Internacional, Boletim informativo, Leão de Lorena, Março - 1979

- Possibilidades e Procedimentos

História Oral - Sônia Maria de Freitas

- Pesquisa - Biografia do Pe. Antonio Pazzini

Maria Eloisa Ribeiro- Julho / 2009

- Pesquisa – Algumas histórias de Canas / Exposição Cartório de Canas



# Participação cidadã e o desenvolvimento regional: os 40 anos do Instituto de Estudos Valeparaibanos

*Francisco Sodero Toledo*

Professor universitário, historiador, membro fundador e atual Presidente do IEV

O IEV, como é conhecido, é uma pessoa jurídica de direito privado do tipo Associação, sem fins econômicos, de caráter cultural, de duração ilimitada, com sede e foro na cidade de Lorena, Estado de São Paulo. Conta, atualmente, com cento e setenta filiados procedentes de 40 cidades, sendo 19 do Vale do Paraíba em território paulista, 10 em x território fluminense, 2 do litoral norte paulista e 9 cidades de outras regiões, incluindo as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Neste ano de 2013 completa 40 anos de sua fundação e de realizações voltadas para o desenvolvimento harmonioso do Vale do Paraíba.

Convidado para escrever sobre a efeméride o faço com prazer e certa emoção por estar envolvido neste trabalho desde os seus primórdios, na sua fundação, com participação ativa quer como membro, quer no exercício em cargos diretivos, em todas as diretorias, quer como Presidente, Vice-Presidente e membro do Conselho Administrativo. Faço-o tomado pelo sentimento de que é preciso organizar, registrar e disponibilizar as informações e os acontecimentos para os próprios membros, para você interessado em conhecer esta Instituição e para a sociedade em geral. Para isto tomo como base alguns dos principais documentos, como seus



livros de atas, algumas das publicações e parte de minhas recordações, nesta história vivida com inúmeros companheiros de jornada.

## A GÊNESE

A região do Vale do Paraíba, pelas suas peculiaridades naturais e histórico-culturais, desperta enorme interesse por parte de estudiosos das Ciências Humanas.

Nas primeiras décadas do século XX foi se manifestando uma crescente consciência dos problemas regionais por parte da população em geral, entre os cidadãos mais conscientes e intelectuais com as questões ligadas à decadência da cafeicultura, o empobrecimento generalizado, o êxodo rural, o sub-emprego, a migração das lideranças locais para outras regiões do Estado de São Paulo e do país, a estagnação das cidades e a deteriorização do patrimônio arquitetônico. Formavam o cenário de decadência tão bem retratados nas obras de Euclides da Cunha e Monteiro Lobato (SODERO, 2011, p. 1- 6).

Os problemas foram agravados na segunda metade do século com a implantação da indústria de base em Volta Redonda e o crescente crescimento industrial, principalmente em segmentos mais próximos da cidade de São Paulo. As empresas multinacionais se instalaram, gerando impactos ambientais e sociais. Ocorreu, a partir de então, a retomada do crescimento urbano de forma desordenada, com sentido aumento da degradação ambiental e descaso pelo patrimônio cultural.

Estas questões chegavam ao ambiente universitário, em especial na antiga Faculdade Salesiana de Filosofia Ciências e Letras de Lorena, dirigidas pelos religiosos salesianos e na sub-sede, pelas religiosas salesianas. Nos anos 60 floresceu um clima contagiante, face aos ares de mudanças na sociedade e na Igreja Católica diante das orientações emanadas do Concílio Vaticano II (1962-1965) e posteriormente do documento de Buga em 1967, relativo às Universidades Católicas. Era tempo de reflexão da Igreja Católica sobre si mesma e sobre suas relações com o mundo, reflexão essa que acabou por atingir o interior da Faculdade, apontando para a necessidade de transformações sociais.

A proposta do CELAM para as universidades católicas, expressas no documento de Buga, tinha entre suas metas gerar a consciencientização da realidade histórica, realizar a promoção social que conduzisse ao desenvolvimento, resguardar a autenticidade da cultura e ter uma participação ativa e crítica na sociedade (SODERO, 2003, p. 159 - 177).

Estas ideias alicerçaram as discussões no interior da Faculdade no final dos anos 60. Nas apresentações, reflexões e debates emergia a questão do relacionamento com o seu exterior, expressa em questões como: Estamos nós realmente dialogando com a realidade que nos circunda? Estamos de fato servindo ao interesse dessa realidade? O resultado apontou para a necessidade de um diálogo mais amplo no interior da Instituição e desta com a sociedade. Era preciso se voltar para a realidade e necessidades da região do Vale do Paraíba.

Neste contexto ocorreram debates, reflexões e estímulo ao movimento estudantil, truncado com a radicalização do processo político no país com a promulgação do AI5 em dezembro de 1968 e das novas leis decorrentes, que procuravam impedir o avanço das ideias e das práticas estudantis existentes.

A partir de então as ideias e práticas iniciadas no interior da Faculdade tenderam a se estender para fora dos muros da mesma. Impulsionado por essa tendência, por intuição, idealismo e o desejo de participação na sociedade, liderados por José Luiz Pasin, jovem e talentoso professor universitário, foi idealizado o I Simpósio de História do Vale do Paraíba.

Sua realização ocorreu em julho de 1972 na Faculdade Salesiana de Letras de Lorena. Um evento promovido pelo Departamento de História, que logrou pleno sucesso de público e conteúdo. A organização esteve sob a presidência de Pasin, cabendo a mim a vice-presidência e a organização interna do evento. Mais de trezentas pessoas, entre eles, professores, pesquisadores, escritores, jornalistas e estudantes se inscreveram e participaram do evento.

O entusiasmo do sucesso do evento gerou a perspectiva de se criar em bases sólidas que pudessem garantir sua continuidade. Surgiu, então, a ideia da criação de uma instituição para tal fim. Nascia o Instituto de Estudos Valeparaibanos.

Na composição da primeira diretoria havia três professores (Pasin, Sodero e Maria de Lourdes) e quatro alunos ou ex-alunos (Carlos Marcondes, Catarina Vilela, Thereza Maia e Terezinha Paiva) da Faculdade Salesiana de Lorena. Fa-

ziam parte do grupo que havia participado da Comissão Organizadora do I Simpósio de História. Além deles, pessoas convidadas, em número de seis, que compunham o Conselho Administrativo: Assis Barbosa, Lacaz Neto, Tom Maia, Maria Aparecida Nogueira, Mariza Menezes e Paulo Reis.

### **Fundação do Instituto de Estudos Valeparaibanos**

Dia: 30 de junho de 1973 - Horas: 20 horas

Local: sede do “Museu Frei Galvão” – Guaratinguetá

### **Membros fundadores e primeira diretoria;**

- José Luiz Pasin – Presidente
- Francisco Sodero Toledo – Vice-Presidente
- Thereza Regina de Camargo Maia – Secretária
- Catarina Aparecida Vieira Vilela – Tesoureira

### **Conselho Administrativo:**

- Benedito Carlos Marcondes Coelho, Francisco A. Lacaz Neto, Francisco de Assis Barbosa, José Carlos Ferreira Maia, Maria Aparecida Nogueira, Maria de Lourdes Borges Ribeiro, Mariza de Souza Menezes, Paulo Pereira dos Reis e Terezinha Paiva de Faria.

## COERÊNCIA E CONTINUIDADE

A nova instituição, de caráter regional, nasceu como entidade cultural, de nível superior, sem fins lucrativos. A sua primeira sede funcionava em espaço cedido pelo Centro

Social em Guaratinguetá, à praça Conselheiro Rodrigues Alves, número 48, 2º. Andar.

Ao longo de 40 anos, embora seu Estatuto tenha sofrido pequenas alterações para realizar adaptações necessárias, em 1978, 1985, 2000 e 2005, pode-se notar a continuidade dos seus objetivos. Desde sua criação permanecem as finalidades principais, que deram sentido a sua criação: investigar, estudar em seus múltiplos aspectos a realidade valeparaibana,

congregar e despertar o interesse de pesquisadores, escritores e estudiosos da região e valorizar o passado e o presente do Vale do Paraíba, por meio do conhecimento de sua história, de sua cultura e as perspectivas de desenvolvimento.

A dedicação permanente à investigação e estudos sobre a região em seus múltiplos aspectos têm se constituído em um dos pontos de destaque de sua atuação. Houve incentivo à pesquisa e foram promovidos cursos regulares e intensivos, palestras, conferências, seminários e os simpósios de História do Vale do Paraíba.

Os Simpósios, hoje em sua XVII edição, foram realizados em vinte e duas diferentes cidades, com temas específicos sobre a História regional, sempre em parceria com outras instituições de



Sessão de posse da nova diretoria do IEV em 1978. Na mesa, da esquerda para a direita. Dra. Áurea Maria de J. Silva; Francisco Soderó; Waldomiro de Abreu; Tom Maia; Thereza R. de Camargo Maia; José Luiz Pasin; Embaixador Luiz Nogueira Porto; Agostinho Ramos e Henrique L. Alves.



1978- Vassouras. IV Simpósio de História. Grupo de participantes com os membros do IEV: José Luiz de Souza, Heloisa Freire, Tereza Pasin, Maria da Glória Freitas e Efigênia Freitas.

ensino e pesquisa. (vide quadro no apêndice) Até o ano de 2002 o seu formato era bianual realizado ao longo de cinco dias. A partir de 2003, devido ao aumento de interesse por parte da comunidade regional, a ampliação do número de comunicações e as dificuldades da permanência dos participantes por vários dias no local de sua realização, ele passou a ser realizado anualmente, ao longo de apenas três dias. No ano de 2013, em função da amplitude do tema escolhido (tratando de Literatura e História) e da significativa quantidade de trabalhos a serem apresentados e discutidos, a Comissão Organizadora resolveu adotar um novo formato. Foi introduzido um período extra, o pré-simpósio, realizado em seis cidades, com várias atividades, proporcionando maior dinamismo, entusiasmo e repercussão aos trabalhos desenvolvidos.

Na concretização de suas finalidades seus dirigentes sempre procuraram reunir e unir outros diversos segmentos da

sociedade, em torno de causas comuns, como a valorização da terra, preservação da cultura regional e, em especial, suas duas grandes bandeiras de luta: a defesa do patrimônio cultural e ambiental. Oracy Nogueira, nosso saudoso companheiro, lembrava em artigo escrito em 1973, por ocasião dos 20 anos da Instituição de que:

*“a consciência da realidade presente e passada do Vale está subjacente ao movimento’ que resultou na criação tanto do Instituto de Estudos Valeparaibanos como dos centros culturais e museus que vem se multiplicando, pela região, das maiores às menores concentrações urbanas. Entre o IEV e essas instituições de âmbito J~?uação mais restrito, as relações tendem a ser de independência funcional e ajuda mútua, ainda que nem sempre haja uma clara consciência de tal entrelaçamento” (Nogueira, 1 993~p.33) Aos poucos o IEV ia se afirmando como instituição de respeito e de liderança na área cultural em nível regional.*

## UMA INSTITUIÇÃO ANDEJA

*“A intelectualidade sem a ação é um amontoado de palavras mortas”*

José Luiz Pasin

No princípio um sonho: estender os conhecimentos obtidos no efervescente meio universitário pela sociedade, dar vida às reflexões teóricas por meio de práticas construtivas com vistas ao desenvolvimento harmonioso do Vale do Paraíba.

A organização de um grupo de idealistas, coesos em torno de objetivos bem definidos e dispostos a agir para atingi-los, possibilitou o desenvolvimento dos trabalhos do IEV.

As iniciativas e os projetos foram se multiplicando, repercutindo no cenário regional. Os resultados que superavam as expectativas iniciais eram conseguidos pela força, coragem, desprendimento e dedicação de um grupo de pessoas que foram se

somando ao longo de quatro décadas. Na coesão do grupo de pessoas reside a força da continuidade do IEV.

E tudo foi realizado sem que a Instituição tivesse sede própria e sem contar com o necessário suporte financeiro.

O IEV funciona em espaços cedidos. Neles ficam instalados ~ sua biblioteca e o arquivo, são realizadas as reuniões, assembleias gerais, encontros culturais, sessões de estudos e nele são recebidos os sócios, os visitantes e pesquisadores. Nas três últimas décadas do século XX foram utilizadas as dependências do Centro Social Urbano de Guaratinguetá como sede e as atividades eram também realizadas na sede da Fazenda Boa Vista, em Roseira Velha, de propriedade de José Luiz Pasin, um centro de agitação cultural da região.

Posteriormente, no início do novo século, com a administração de Nelson Pesciotta, teve início a denominada “era Lorena”, quando a sede, por força estatutária, passou em 2001 a ser no local cedido pela Casa de Cultura de Lorena. No mesmo ano foi celebrado convênio



2013: Gerações reunidas em torno das atividades do IEV: Nelson Pesciotta, Francisco Sodero e Diego Amaro.

com Centro Universitário Salesiano e a sede passou a funcionar em local cedido pelo mesmo, abrigando a biblioteca e arquivo do 1EV, a Sala Euclides da Cunha e o Centro de Pesquisa Regional. Em 2012, graças ao empenho dos membros do Núcleo Regional de Taubaté, o 11EV ganhou um novo espaço, cedido pela UNITAU, para abrigar as reuniões do grupo e centralizar a documentação e manter o material e bens da instituição. A sala, localizada no prédio da Faculdade de Filosofia, leva o nome do Prof Nelson Pesciotta em homenagem a sua extensa folha de serviços e realizações à frente da diretoria por mais de vinte anos. Um homem dedicado ao 1EV e às iniciativas culturais, dinâmico, competente, realista, incansável e por tudo isto gozando de muito respeito no interior da instituição e fora dela.

Com a rápida evolução dos meios de informação e comunicação conseguimos, finalmente, em 2012 criar o nosso site, o espaço on-line para disponibilizar informações, conteúdos, a história, a memória, a relação e atividades de seus membros. O endereço eletrônico desta sede no mundo virtual é: [www.iev.gov.br](http://www.iev.gov.br).

Como se pode notar a conquista de uma sede própria não tem sido objeto de grande preocupação por parte de seus diretores e membros. A vida de cada um de nós tem sido andar por esta região, pelos mais diferentes lugares, em seus inúmeros municípios reunindo pessoas, congregando-as em tomo de estudos, sempre empunhando as bandeiras de proteção do nosso patrimônio ambiental e cultural.

Ao longo dos 40 anos a grande maioria dos municípios do extenso Vale

do Paraíba 3 foram contemplados com a nossa presença e atingida pela ação e iniciativas do 1EV.

## DA RESISTÊNCIA A GUARDIÕES DO VALE

Nas três primeiras décadas da nossa história os esforços se caracterizaram pela resistência à modernidade conservadora com impactos negativos e preocupantes que resultavam em quadro de ameaças à qualidade de vida da população. Com as mudanças advindas de acontecimentos mundiais como o despertar de uma visão holística, a ida do homem para a lua, a queda do muro de Berlim, o advento da internet e o rápido aperfeiçoamento dos meios de transportes e de comunicação surgiu “a necessidade de se repensar o 1EV”.

Por este tempo, seu futuro passou a ser tema constante nas conversas informais de seus sócios e nas reuniões da diretoria. Pairava certo desânimo no ar. Afinal, haviam se passado muitos anos de luta, de idas e vindas pelo nosso Vale e se temia por não se conseguir a renovação de seus membros para dar continuidade a esta jornada. Havíamos envelhecidos: nós e a instituição.

A primeira manifestação ocorreu em reunião no ano de 1994. Nos anos seguintes o assunto voltava a ser citado com frequência. Em 2003, na comemoração de 30 anos, elaborei documento intitulado “Reflexão sobre o 11EV”, em que pontuava questões relevantes que deixavam dúvidas com relação aos rumos da instituição e apontavam diretrizes para sua possível reorganização e revitaliza-

ção. Foi, então, levantada a hipótese de encerrar as atividades e dar fim ao Instituto. Confesso que cheguei a ficar em dúvida. Afmal, para quê mantê-lo diante da nova dinâmica do século XXI, marcado pelo efêmero, pelo dinâmico, pelo culto ao presente? Qual o sentido em sobrecarregar praticamente o mesmo grupo de pessoas após mais de 30 anos de atividades ininterruptas?

Por este tempo chegou-se a pensar em encerrar as atividades do 1EV. Diante do cenário de incertezas foram importantes as observações feitas por pessoas não pertencentes à Instituição e a opinião de diversos membros que, entre outras ponderações, afirmaram que: “1EV não pode parar. Hoje vocês são uma referência, a nossa referência quando se trata de Vale do Paraíba. As pessoas com os quais se tem convivido são verdadeiros guardiões da nossa terra e da nossa cultura. Muito foi realizado, mas muito há o que fazer.” Diante destas ponderações chegou-se à conclusão de que o 1EV tinha um passado de lutas e de realizações, que não podia ser abandonado. O grupo que permanecia unido deveria dar continuidade ao trabalho, seguindo os princípios e valores originais que deram sentido a esta caminhada.

Hoje a Instituição faz parte do grande movimento da sociedade civil organizada e seu membros são verdadeiramente os “os guardiões da terra e da cultura valeparaibana.

Continuamos ainda como anejos, indo e vindo por muitos caminhos e lugares, onde cada um deles se transforma, mesmo que de forma momentânea, em sua sede. Novos abrigos para um grupo e uma instituição que não se acom-

da e diante de novas preocupações tem sempre novas iniciativas e novas abordagens. O que possibilita o reencontro de “velhos companheiros” e o agregar de novos membros, principalmente de jovens, com vistas a manter sempre hasteadas nossas bandeiras.

#### RELAÇÃO DOS PRESIDENTES DO 1EV

1973– 1978 : José Luiz Pasin

1978–1980 : Paulo Pereira dos Reis

1980– 1982 José Luiz Pasin

1982– 1984 : Francisco Sodero Toledo

1984- 1988 Nelson Pesciotta

1988- 1990: Francisco Fortes

1990 -2011: Nelson Pesciotta

2011 -2013 Francisco Sodero Toledo

É importante ressaltar que as atividades realizadas e os resultados conseguidos ao longo destes quarenta anos são fruto de trabalho voluntário, do idealismo das pessoas pertencentes aos seus quadros, principalmente dos membros das diretorias e ao apoio de inúmeros parceiros e de diversas instituições.

A existência do 1EV prima pela falta de recursos, o que nunca impediu a ação em prol de seus objetivos e de suas metas anuais. Ao longo dos 40 anos não se falou ou foi feita qualquer forma de pagamento, fornecida alguma remuneração ou ajuda de custo para viagens e estadia, nem mesmo para os seus diretores. Cada diretor ou companheiro que participa e comparece a alguma atividade promovida pelo 1EV o faz sempre por conta própria.

Os poucos recursos que se dispõem são provenientes do pagamento da anuidade pelos seus sócios. O Estatuto prevê, ainda, que para prover a sua manutenção o IEV pode receber dotações oriundas de verbas oficiais, contribuições, doações, subvenções e legados, o que A raramente acontece. É com a contribuição de cada membro que se faz o caixa da entidade e se obtém os recursos para manter suas atividades básicas, como despesas com comunicação, correios, prêmios anuais e contador. Como não se tem dinheiro para grandilniciativas, os simpósios de História, por exemplo, são auto-sustentáveis, contando sempre com o suporte dc infra-estrutura financeira de seus parceiros.

Além do que, como se tem poucos recursos, é necessário saber administrá-lo bem. V Assim vem se procedendo. José Antônio Bittencourt Ferraz, tesoureiro do IEV desde o ano de 1983, leva muito a sério sua função, sempre atento às dificuldades financeiras. Ele consegue a proeza, sempre muito elogiada, de apresentar a cada período fiscal superávit nas contas, além de ter alguma sobra na caderneta dc poupança para ser empregada em caso de alguma emergência.

## REALIZAÇÕES E CREDIBILIDADE

Além da realização dos ~7 simpósios de História do Vale do Paraíba, do trabalho em prol da defesa do patrimônio ambiental e cultural, das premiações realizadas para divulgar e valorizar pessoas e a cultura regional, outras tantas atividades e realizações estão registradas nos livros dc atas e no material que se encontra no arquivo do 1EV, composto de jornais, fotografias e revistas.

As Prcmiações Culturais tem como objetivo valorizar e estimular as ideias, as atitudesde valorização e preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural e a produção científica)que promovam a melhoria das condições de vida e o desenvolvimento sustentável em toda região do Vale do Paraíba. Para tanto realiza concurso com base em Regulamento próprio,~quc aponta anualmente os escolhidos para receberem as homenagens. Na premiação que ocorre no final de cada ano são entregues os seguintes prêmios: “Prêmio cultural Eugênia Sereño”, destinado à obra recentemente publicada que tenha por tema a História e cultura valeparaibana; Distinção Cultural “Paulo Camilher Florcnçano”, prêmio destinado a destacar esforços pessoais ou instituciohais em favor da memória regional, quer pela guarda e preservação dos bens culturais, quer pela defesa constante dos valores materiais ou imateriais da cultura valeparaibana; “Prêmio Ambiental “Prof. José Luiz Pasin”, entregue a pessoa ou instituição que se destaca nos esforços desenvolvidos em favor da melhoria do ambiente, da qualidade de vida da população e do desenvolvimento sustentável no Vale do Paraíba; Medalha de Mérito “Paulo Pereira dos Reis”, prêmio que se destina ~i pessoa nascida no Vale do Paraíba ou aqui residente há mais dc cinco anos pelo seu desempenho profissional; e Prêmio “Mídia Cultural”, dividido em duas modalidades: para distinguir pessoa ou instituição que tenha mantido sistematicamerite um programa de difusão cultural legitimamente valeparaibana, utilizando a mídia eletrônica e para premiar produção cultural em forma de vídeo ou filme que trate de questões culturais e ambientais do Vale do Paraíba.

Foram tantas as realizações que a sua relação completa não caberia neste artigo e, talvez, com um trabalho mais disciplinado possamos dispor desses dados, aos poucos, em nosso site para consulta e conhecimento. Temos registrado um grande número de conferências, palestras, mesa de debates, seminários, cursos regulares, lançamento de dezenas de livros de autores residentes no Vale do Paraíba e sobre assuntos mais diversos sobre a região, promoções culturais, exposições, concursos voltados principalmente para estudantes do ensino médio. Merece destaque a publicação, em 1993, da revista “Purris”, dos diversos anais dos simpósios e de seu “Boletim Informativo”, que ao longo de seus duzentos e vinte cinco exemplares editado desde o ano de 1983, informa seus membros sobre suas atividades, publica trabalhos, analisa, opina, repudia e presta homenagens.

As inúmeras frentes de trabalho colaboraram para a preservação de monumentos, a ampliação dos tombamentos, a formação de arquivos e de museus e ~ fornecimento de subsídios para o desenvolvimento de atividades turísticas.

Desde o ano de 2009 vem-se desenvolvendo o projeto “NEPA” (Núcleo de

Educação Patrimonial e Ambiental), resultado de contrato firmado com a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo a partir do qual o IEV passou a ser “Ponto de Cultura” do Estado.

Os problemas de cada época exigiram ações mais coordenadas e concentradas resultando nas chamadas “campanhas anuais”. Com elas, durante um

determinado ano era selecionado um tema especial sobre o qual eram concentrados os esforços da instituição e de seus membros.

## IEV – CAMPANHAS ANUAIS

1977–Ano da Defesa do Patrimônio Cultural do Vale do Paraíba

1981 – Ano da Defesa do Patrimônio Ambiental do Vale do Paraíba

1983 – Ano da busca da identidade cultural do Vale do Paraffia

1986– Ano da Cultura Popular

## CONHECIMENTO E PRESERVAÇÃO

O conhecimento e a consciência dos problemas do Vale do Paraíba f~ nascer a nossa instituição. Como escreveu Catarina Vilela, uma de suas entusiasmadas fundadoras: “O IEV é o nosso filho que, conduzido com presteza, carinho e dedicação, finalmente brilha em sua carreira, atinge suas metas e é o veículo que congrega os idealistas sonhadores e desejosos de um Vale do Paraíba reumanizado, valorizado, engajado no progresso, sem esquecer seus valores culturais e suas raízes- “ (Vil~la, 1993, p.56)

A ideia de ampliar o conhecimento sobre a região, valorizar o homem, a terra e a cultura sempre moveu~ nossos propósitos.

Para fazer frente ao avanço da modernidade e de seus cõrolários) que se apresentavam ) de forma avassaladora)

com sérios impactos sobre o patrimônio cultural e ambiental, o ILEV levantou com muito destemor a bandeira em sua defesa. As palavras dos sócios fundadores Thereza e Tom Maia explicitam e resumem este sentimento ao escrever sobre a situação vivida diante do crescimento industrial do final do século passado:

“São as antigas construções erguidas em diferentes formas e técnicas que demonstram o produto de um trabalho passado, do esforço, labor e suor dos sofridos cativos. São documentos que mostram que “só o trabalho constrói a realidade e História outra coisa não é senão o fruto do trabalho do homem”, trabalho que precisa ser respeitado, conhecido e preservado. juntamente com a paisagem natural que o envolve, numa inter-relação equilibrada do homem com a natureza que pode ser aproveitada para o turismo cultural, ligado ao folclore regional. (Thetexa e Tom Maia, 1993, p39)

Frente aos desafios de tão grande empreitada foi decidido, em 30 de setembro de 1978, a criação de um órgão especial junto da Diretoria do ILEV: a Secretaria de Defesa do

Patrimônio Cultural. Ela tinha como finalidade cuidar especificamente do assunto. A direção foi entregue aos sócios fundadores Thereza e Tom Maia que com empenho e dedicação levaram a ideia de preservação para a região, mantiveram-se sempre atentos às denúncias e críticas surgidas nas mais diferentes cidades e desenvolveram um trabalho marcado pela eficiência e competência, valorizando e aumentando o respeito pela instituição.

Momento culminante deste trabalho ocorreu no ano de 1977, quando no dia 11 de junho aconteceu em Guaratinguetá, nas dependências do Centro Social, o “1 Encontro de Defesa do Patrimônio Cultural do Vale do Paraíba e Paraty”. Naquele dia, estiveram reunidos professores universitários, pesquisadores, estudantes, autoridades municipais, jornalistas e pessoas interessadas no assunto. Como resultado prático, após estudos e longos debates foi aprovada e depois amplamente divulgada a “Carta de Defesa do Patrimônio Cultural do Vale do Paraíba e Paraty”.

A “carta” fazia um diagnóstico da situação do patrimônio cultural e apontava diretrizes para se tomarem as medidas apropriadas no cuidado, conservação e preservação dos bens culturais, para se alcançar o desenvolvimento integral do Vale do Paraíba e Paraty.

Em seu preâmbulo aponta para os fatos que foram considerados como: o abandono e indiferença em relação ao patrimônio histórico, a descaracterização das cidades, o decréscimo das manifestações culturais locais e a destruição sistemática das fontes para os estudos regionais. Em seguida sugere aos poderes federais, estaduais e municipais vinte medidas a serem observadas para a conservação do patrimônio histórico, artístico, cultural e paisagístico do Vale do Paraíba e do município de Paraty, geográfica, histórica e culturalmente ligado a nossa região.

Ao se reler a “Carta” pode se observar sua importância para a época e a atualidade. Entre outras sugestões estão as que tratam do tombamento, da preservação e do seu alcance para o turismo,

uma atividade ainda incipiente naquela época, da seguinte forma:

“que se conceda a devida prioridade ao tombamento, inclusive municipal. e à restauração e apresentação de bens culturais da região, visando o desenvolvimento integral da comunidade, por meio do turismo cultural.” De forma futurista apontava a necessidade de cada município formar, como acontece na atualidade na maioria dos mesmos, a sua própria comissão para cuidar da defesa de seu patrimônio, nos seguintes termos: “que, dentro do princípio de não agressão ao patrimônio cultural e ecológico da região, sejam formadas comissões municipais responsáveis pela preservação dos bens culturais, da fauna, da flora e do meio ambiente” (IuPaèin, 1993, p.4-5)

Na sequência do movimento, 1978 foi considerado o “Ano da defesa do Patrimônio Cultural do Vale do Paraíba e Paraty”.

A Secretaria de Defesa do Patrimônio Cultural desempenhou sua função pelas três últimas décadas do século XX, até o seu desaparecimento devido às mudanças estatutárias.

## O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

Como se pode notar desde o início das atividades do IEV, as questões envolvendo a paisagem cultural vinham sempre associadas àquelas ligadas à paisagem natural. Ambas importantes e merecedoras de atenção e ações urgentes. Razão pela qual a defesa do patrimônio cultural e ambiental

passou a se constituir em duas grandes frentes de luta.

A Secretaria de Defesa do Meio Ambiente foi criada também no ano de 1978, centralizando a partir de então os trabalhos, as iniciativas e campanhas em prol da defesa do patrimônio ambiental do Vale do Paraíba.

O IEV deu início a um grande movimento de conscientização ecológica, tendo como base a Fazenda Boa Vista, em Roseira Velha, de onde José Luiz Pascin, com palavras e ações, encarnava e simbolizava a resistência à depredação ambiental pela qual passava o Rio Paraíba do Sul e a região do Vale do Paraíba. Desta forma, no ano de 1980 aconteceu importante reunião ecológica na fazenda no mês de julho e em outubro a “Primeira Vigília Ecológica” em Roseira Velha.

O ano de 1981 foi considerado pelo IEV como o “Ano de Defesa do Patrimônio Ambiental do Vale do Paraíba.” No dia 6 de junho, após concorrido encontro em Guaratinguetá, nas dependências da sua sede, houve uma Assembleia Geral para tratar das questões ambientais da região, com a participação efetiva de diversos setores da sociedade junto com estudiosos, historiadores, professores em geral, alunos e demais pessoas interessadas na questão. Da reunião resultou a “Carta de Defesa do Patrimônio Ambiental do Vale do Paraíba”, que foi amplamente divulgada pela imprensa regional.

A “Carta” considerava a responsabilidade que cabe a todos e a cada um em particular na preservação das fontes vitais para a vida e “tendo em conta o abandono e a indiferença em relação a esse patrimônio ambiental e paisagístico”

co, a poluição crescente do ar, da terra e das águas na bacia do Rio Paraíba do Sul”. (In ~kthlf”1993, p. 7) O texto apontava para os U problemas causadores desta situação: a falta de planejamento na instalação de unidades industriais e no desconhecimento do perigo decorrente da poluição emanada por elas, na constante descarga de esgotos urbanos nas águas e nos rios,% uso indiscriminado de adubos químicos e pesticidas nas plantações.

A partir da denúncia o documento discorria sobre a necessidade urgente de estabelecer ~( diretrizes para uma política de desenvolvimento em toda bacia do Rio Paraíba do Sul. Sendo ugetia não somente aos poderes públicos federais, estaduais e municipais, como na (7 carta de Defesa do Patrimônio Cultural de 1977, mas também às universidades, instituições culturais, científicas e educacionais, aos sindicatos rurais e urbanos, aos veículos de comunicação social e aos habitantes em geral. Eram ao todo vinte e cinco diretrizes que apelavam para a conscientização da população contra a instalação de indústrias que representassem ameaça ao ecossistema; maior controle do fUncionamento das mesmas; a preservação das áreas das várzeas para a agricultura; a elaboração de planos diretores para a ocupação do solo, a preservação das matas; a proteção e defesa dos rios, lagos e ribeirões; a implantação de estações de tratamento de esgotos industriais e urbanos; a construção de usinas para a transformação do lixo urbano em adubo orgânico; a efetivação dos parques nacionais da Bocaina e Itatiaia.; apoio às pequenas comunidades rurais e urbanas; o trabalho pela

conscientização da população sobre as questões ambientais e a organização de conselhos de defesa ambiental (CODAM) em cada município.

Após mais de trinta anos passados da elaboração e divulgação da “Carta de Defesa do Patrimônio Ambiental” observa-se com satisfação que grande parte das diretrizes foram seguidas e se tornaram realidade, resultando na melhoria das condições ambientais da região e conseqüentemente na melhoria das condições de vida da população. É dever deixar registrado que este resultado auspicioso deve-se também ao trabalho desenvolvido por outras entidades ambientalistas, que foram se organizando e trabalhando para atingir semelhantes propósitos.

Ao 1EV deve ser creditado o despertar da consciência ecológica na região.

Uma campanha que exigiu grandes esforços, em ambiente de muita tensão, ocorreu no ano de 1983, entre os meses de abril a julho. Naquele ano o 1EV, após uma reunião extraordinária realizada nas dependências da FATRA, posicionou-se contra a instalação da maior fábrica de foguetes, mísseis e bombas da América Latina pela Avibrás no município de Lorena, no Vale do Paraíba. Na Assembléia Geral realizada no dia 30 de abril na FATEA foi redigida e aprovada uma “Carta à comunidade lorenense e valeparaibana” que depois foi distribuída para a população de Lorena bem como divulgado pela imprensa regional. Ela advertia a todos os valeparaibanos, em especial os lorenenses, sobre o perigo da instalação de arsenais, indústrias bélicas e nucleares na região. Cobrava de

cada um e de todos os cidadãos o empenho em prol do desarmamento e a favor da paz. Conclamava todos os cidadãos, instituições e órgãos de classe para aderirem a esta causa, a unir esforços para que “o futuro não seja trágico e não nos acuse de omissão”.

Em julho a diretoria, da qual eu era na ocasião o Presidente, e os sócios reunidos em Assembleia decidiram, após chegar à conclusão de ter tido atingido amplamente o objetivo de alertar a população, por ter o movimento se estendido por toda a região com apoio de outras entidades ambientalistas e ter chegado ao governo do Estado, encerrar o movimento, comunicando o fato à população e deixando a ela a decisão final sobre o assunto.

Em decorrência de fatores externos e outros por nós desconhecidos o depósito da Avibras deixou de ser instalado no município de Lorena.

A posição assumida pelo 1EV em reunir a sociedade em torno das questões ambientais teve continuidade nas gestões das suas futuras diretorias. No ano de 1985, promoveu o encontro “Salvem o Rio Paraíba”, quando foi aprovada outra carta para a população com o título: “Paraíba do Sul: um rio que pede socorro”.

Em 1990 participou da organização e dos trabalhos do Simpósio regional sobre o meio ambiente. No ano seguinte participou da reunião de entidades ambientalistas, a chamada Frente Verde do Vale do Paraíba. Neste mesmo ano voltou à carga apelando por medidas práticas que impedissem prejuízos ambientais e, mais especificamente, pela recomposi-

ção da vegetação ciliar, concluindo que “a recriação de um ambiente de beleza é exigência de civilização” (In Pasin, 1993, p.11) O apelo agora era dirigido para todas as pessoas de algum modo investidas de responsabilidade social para que empreendessem esforços em favor da “Arborização das margens do Rio Paraíba do Sul, seus formadores e seus afluentes.

As ações do 1EV em defesa do patrimônio ambiental continuaram a acontecer de forma integrada com outros grupos devido ao despertar da consciência ambiental entre os habitantes da região e a presença e atuação de inúmeras novas entidades ambientalistas. Assim, em 1995 esteve presente no encontro regional para preservação do Rio Paraíba, no ano de 2006 em parceria com a UNTVAP e o Comitê das Bacias Hidrográficas do Rio Paraíba do Sul organizou e desenvolveu o simpósio: O Rio Paraíba do Sul – passado, presente e futuro”. Atualmente está associado ao movimento gestado na sociedade civil contra a instalação da termelétrica de Canas.

## UMA INSTITUIÇÃO EM MARCHA

O 1EV pode se orgulhar de chegar aos seus 40 anos mantendo seu dinamismo e a capacidade de unir pessoas interessadas no trabalho voltado para o desenvolvimento sustentável do Vale do Paraíba. Por se constituir hoje em uma instituição fundamental para o conhecimento e compreensão da nossa região, em um marco na história cultu-

ral e ambiental do Vale do Paraíba.

Ele é uma entidade democrática, onde as ideias fluem livremente. Um espaço em aberto para apresentação e debates livres de ideias, para detectar problemas, apontar caminhos, revelar, valorizar e estimular talentos e valores, abrir caminhos para explorar as riquezas naturais e humanas da região. E o faz com segurança e continuidade sob o comando das diretorias e participação de seus associados e convidados. Uma entidade que, nascida no centro universitário, preocupa-se e pratica uma atividade educacional, cultural a influenciar as novas gerações.

Os resultados positivos das ideias colocadas em ação no meio da sociedade são expressivos na área do conhecimento, da informação, da conscientização, da preservação ambiental e cultural. A dedicação e competência

demonstrada têm contribuído para repensar o crescimento e engrandecimento da região do Vale do Paraíba, ajudando a contribuir na construção de uma sociedade mais justa, equilibrada e humanizada. Fato que conta com o expressivo reconhecimento por parte de diferentes setores da nossa sociedade.

O IEV continua sua marcha fiel aos seus princípios e valores. Encontra-se revigorado e renovados procurando-se (adaptar-se às novas condições de um mundo globalizado) interligado por novas redes sociais, a exigir novos processos de participação e interação.

Continuo também perseverando, junto com sua liderança, com este labor de significativa importância no contexto regional que nos abre portas para a ação cidadã e o exercício do trabalho voluntário, envolto em simbolismo e significados.

2013 - Ações do Pré-Simpósio de história. Parte dos participantes em frente às ruínas do campo de aviação. Flora, Lorena.





# Os Santos de Guaratinguetá

## *Olga de Sá*

Doutora em Comunicação e Semiótica, pós-graduação em Psicologia clínica, licenciada em letras Clássicas, bacharel em Biblioteconomia, especialização em Orientação Educacional, escritora, poeta.

Neste ano de 2017 se comemoram com muitas festas e orações os 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição “aparecida em Guaratinguetá no ano de 1717, no rio Paraíba, à altura do Porto de Itaguassú, a imagem morena de Nossa Senhora da Conceição logo se tornou centro de notável devoção, que culminaria em alçá-la a Rainha e Padroeira do Brasil. Tão marcante foi seu encontro que passou a dar nome ao lugar em que o fato ocorreu, inversamente do que aconteceu em outros grandes centros de peregrinação religiosa, como Fátima, Lourdes e Lujan, cujos topônimos passaram a designar a aparição da Santa ou sua origem.

Basílica Velha de N.Sra. Aparecida. Tom Maia



Em Aparecida, porém, aconteceu a exceção. O adjetivo usado para indicar a condição do encontro da imagem passou a denominar o lugar onde, em torno da primitiva capela erguida em seu louvor, logo se formou e se desenvolveu uma povoação. Caso tivesse sido seguido o costume geral, a santa receberia o nome de Nossa Senhora de Guaratinguetá, uma vez que seu encontro se deu em águas guaratinguetaenses. Na verdade Aparecida somente se emanciparia politicamente de Guaratinguetá no ano de 1928, portanto 211 anos após o achado milagroso no rio Paraíba”.

Esse achado, um verdadeiro milagre, está narrado no Livro Tombo da Matriz de Guaratinguetá:

*“No ano de 1717, pouco mais ou menos, passando por esta Vila para as Minas o Governador delas e de São Paulo, o conde de Assumar Dom Pedro de Almeida, foram notificados pela Câmara os pescadores para apresentarem todo o peixe que pudessem para o dito Governador.*

*Entre muitos foram a pescar Domingos M. Garcia, João Alves e Filipe Pedroso, em suas canoas; e principiando a lançar suas redes no porto de Itaguassú, distância bastante, sem tirar peixe algum, e lançando neste porto João Alves a sua rede de rastros, tirou o corpo da Senhora, sem cabeça; lançando mais abaixo outra vez a rede tirou a cabeça da mesma Senhora, não se sabendo nunca quem ali a lançasse.*

*Guardou o inventor esta Imagem em um tal ou qual pano, e continuando a pescaria, não tendo até então tomado peixe algum, dali por diante foi tão copiosa a pescaria em poucos lanços, que receioso, e os companheiros de naufragarem pelo muito peixe que tinham nas canoas, se retiveram a suas vivendas, admirados deste sucesso.*

*Felipe Pedroso conservou esta Imagem seis anos pouco mais ou menos em*

*sua casa, junto a Lourenço de Sá; e, passando para a Ponte Alta, ali a conservou em sua casa nove anos pouco mais ou menos. Daqui se passou a morar em Itaguassú, onde deu a Imagem a seu filho Atanásio Pedroso, o qual lhe fez um oratório tal e qual, e em um altar de páus colocou a Senhora, onde todos os sábados se ajuntava a vizinhança a cantar o terço e mais devoções.”*

*Os prodígios desta Imagem foram autenticados por testemunhas que se acham no Sumário sem Sentença, e ainda continua a Senhora com seus prodígios, acudindo à sua santa casa romeiros de partes muito distantes a gratificar os benefícios recebidos desta Senhora”. \*Texto extraído do I Livro Tombo da Matriz de Guaratinguetá. Datado de 1757. A data correta do encontro da imagem é 1717.*

A narrativa do encontro da imagem foi escrita no livro Tombo pelo então Vigário Dr. João de Moraes e Aguiar, quando o Padre Vilela ainda vivia e exercia o cargo de Vigário da Vara e dele recebeu as informações que transcreveu no Livro Tombo. (in A Senhora da Conceição Aparecida, do Pe. Julio Brustoloni CSSR. 1979 p. 35).

O Padre José Alves Vilela foi Vigário da Matriz de Santo Antônio da Vila de Guaratinguetá entre 1725 e 1740, quando se ausentou e retornou em 1741.. Foi no seu paróquio que se benzeu a primeira Capela de Nossa Senhora Aparecida, no dia de Sant’Ana, em 26 de julho de 1745, por comissão do então Bispo Diocesano, Frei João da Cruz, ocasião da primeira missa aí celebrada. Está registrada à página 7 do Livro Tombo da Matriz de Santo Antônio de Guaratinguetá como Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida da Freguesia de Guaratinguetá.

Vinte e dois anos após o encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida, nasceu no ano de 1739, na Vila de Guaratinguetá, o menino Antônio Galvão de França, futuro santo Frei Galvão. Era o quarto entre os onze filhos do comerciante e Capitão-mor de Guaratinguetá, Antônio Galvão de França, natural de Faro, Portugal, e de D. Isabel Leite Corrêa de Barros, descendente de bandeirantes paulistas, proprietários da fazenda dos Correias, em Pindamonhangaba,

Atendendo a seus dotes pessoais e a sua manifesta vocação para a vida religiosa, quando tinha apenas 13 anos, o jovem Antônio foi encaminhado pelos pais para o Seminário Jesuíta de Belém, na cidade de Cachoeira, na Bahia. Com as perseguições aos jesuítas, seu retorno



a Portugal e a desativação do Convento, Antônio Galvão de França voltou para Guaratinguetá, onde foi testemunha do casamento de sua irmã Isabel, na Capela de Nossa Senhora Aparecida, em 1756. Em seguida entrou para o Convento Franciscano, ordenando-se sacerdote em 1762.

Um dos primeiros atos de Frei Galvão como sacerdote foi o de fazer sua consagração como “servo e escravo” de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, ato que assinou com seu próprio sangue, a 9 de novembro de 1766.

Na vida religiosa ocupou vários cargos de importância, destacando-se seus dotes de oratória, poesia e caridade, sendo considerado pela Câmara Municipal de São Paulo como “o novo esplendor do Convento”. Uma de suas grandes re-

alizações foi a construção do Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, localizado na atual Avenida Tiradentes, 676, bairro da Luz, em São Paulo. É hoje um dos poucos monumentos do século dezoito na capital paulista.

Frei Galvão faleceu com fama de santidade no dia 23 de dezembro de 1822, no Mosteiro da Luz, por ele construído e local onde está sepultado.

Foi beatificado pelo Papa e Santo João Paulo II, em 25 de outubro de 1998, em Roma e foi canonizado pelo Papa Bento XVI, no dia 11 de maio de 2007, em São Paulo, tornando-se o primeiro brasileiro na glória dos altares.

Sua festa é realizada a 25 de outubro, data de sua beatificação e dia a ele dedicado no calendário litúrgico, no mesmo mês em que se celebra a festa de Nossa Senhora Aparecida.

Considerado por Affonso de E. Taunay, *“como um dos mais extraordinários devotos da Senhora Aparecida, e seu conterrâneo...”*, encontramos sua imagem, em tamanho natural, no Museu de Cera Nossa Senhora Aparecida, inaugurado em 2016, junto ao Santuário Nacional, entre figuras históricas e religiosas do Brasil.

Santo Antônio de Sant’Ana Galvão no Museu de Cera Nossa Senhora Aparecida, na Basílica Nacional.

Frei Galvão é o Padroeiro Secundário de Guaratinguetá. É Patrono da Construção Civil no Brasil e Homem da Paz e da Caridade, títulos que recebeu do Santo Papa João Paulo II.





# Nossa Senhora do Bom Sucesso

*Yayo Ueda*



Pindamonhangaba, sendo uma cidade tradicional, possui coisas interessantíssimas para os estudiosos.

Encontrei nas minhas pesquisas, várias devoções interessantes como a de: S. Benedito, N. Sra. do Socorro, Espírito Santo etc..

Resolvi, porém, pela devoção a N. S. do Bom Sucesso, por ser ela a mais cultuada; tanto por pessoas da cidade como pelas da roça. É ela a padroeira de Pindamonhangaba, e o seu culto, um dos mais antigos do lugar.

Hoje a sua imagem ocupa o altar principal da Igreja Matriz desta cidade, a qual é considerada um dos mais belos monumentos religiosos da região e justo orgulho do povo que a construiu.

Este trabalho tem por objeto um estudo sociológico de uma devoção, procurando a sua origem e quanto possível explicar as suas influências nesta região.

## HISTÓRICO DA IGREJA

Atualmente N. Sra. do Bom sucesso é cultuada na Igreja Matriz que se localiza na parte Norte da cidade e ergue majestosa as suas torres para o ceu.

É um monumento bastante alto e elegante, de estilo dórico.

Segundo pesquisas, esta atual Igreja não foi a primeira a ser construída.

A matriz antiga localizava-se no atual Largo de São José e parece ter sido a mesma igreja na qual hoje está colocada a imagem de São José.

Esta foi edificada no século XVIII, e desta época encontramos um documento citado por Ataíde Marcondes: - “A igreja desta freguesia é da invocação de Nossa Senhora do Bom Sucesso: tem 5 altares, Altar Mór, 2 colaterais e dois dos quais fora, que ambos são do Rosário dos brancos e dos pretos.

É feita de taipas de pilam e naves de pau ripado, a coberta de telha.

É forrada somente na Capela Mór, tem dois sinos- sacrário dourado, pia baptismal de pedra e uma na porta principal também de pedra.

Uma lâmpada de prata e sacristia.

Há nesta matriz quatro irmandades de Compromissos que são: a do Santíssimo “Sacramento, a da Senhora do Bom Sucesso, a das Almas e a do Rosário dos pretos.”

Segundo o mesmo documento, esta capela foi erguida por Antônio Bicudo Leme, primeiramente sob a invocação de S. José, e depois sob a de N. Sra. do Bom Sucesso, quando passou a ser a Igreja Matriz.

O tempo foi passando, e o número de fieis aumentando, a ponto de não mais poder contê-la esta humilde capela; resolveram então construir uma nova igreja, no local em que hoje se ergue.

Esta foi construída em 1707, e na “Matriz Velha” foi colocada uma imagem de S. José que lá se acha até hoje.

Esta nova matriz para onde foi levada N. Sra. do Bom Sucesso era ainda muito simples; então em 1841 resolveram reformá-la novamente “neste ano demoliu-se a frente da antiga igreja e em 1842 começaram os alicerces do novo frontis-

pício.” “O arquiteto da obra foi o súbdito português Francisco Antônio Pereira de Carvalho (dum artigo sobre Igreja Matriz de Barão Homem de Mello).

O artista executor desta obra foi o pedreiro José Pinto dos Santos.

Estas obras só foram concluídas em 1853.

Novamente em 1909 iniciaram novas reformas, que a modificaram muito. Esta reforma foi concluída em 1910.

Realizaram então no dia 15 de outubro do mesmo ano, as festas de inauguração que se prolongaram por 3 dias.

Além da bênção do templo e das missas cantadas, realizaram-se procissões às quais os fieis compareceram, enchendo as ruas da cidade que se achavam singelamente enfeitadas.

Após as missas a banda percorreu as ruas da cidade acompanhada de um bando precatório angariando esmolas. (Do livro de Atayde Marcondes sobre Pindamonhangaba – parte referente às Efemérides)

Depois desta reforma, a Igreja Matriz tem mantido mais ou menos as suas linhas majestosas, admiradas por todos que a conhecem.

Emilio Zaluar em seu livro “Peregrinação pela Província de São Paulo”, diz na página dedicada a Pindamonhangaba: -“É preciso admirar a poética arquitetura de sua matriz, concepção grandiosa de um artista quase ignorado, cujas flechas se levantam ao céu em linhas puras e suaves com singelos pensamentos de piedade e fé.”

Quanto às terras onde esta se acha edificada foram, segundo os documentos

consultados, as terras de Antonio Bicudo Leme, o fundador desta povoação que se transformou em Pindamonhangaba.

## HISTÓRICO DA IMAGEM

Procurando o histórico da imagem de N. Sra. do Bom Sucesso dirigi-me ao Sr. Vigário desta paróquia, e dele obtive a seguinte história: -“A rainha de Portugal, D. Maria Pia, governa sua nação e as múltiplas colônias, naquele tempo em que o mundo pertencia aos lusos.

A religião Católica era oficial no velho Portugal e seus domínios. Ao Rei ou à Rainha competia a indicação dos Bispos a Roma e até a ereção de novas paróquias.

D. Maria Pia, Rainha, por graça de Deus estava às vésperas de ser mãe, com o nascimento do primogênito real.

A Rainha enchia-se de pavor ante o sucesso ou não da vinda do primeiro filho.

Que fez? – Um dia, de joelhos ante a hermidia de Belém, junto à Lisboa, tendo ouvido piedosamente a Santa Missa e recebido em seu coração Jesus Eucarístico, expôs à Mãe de Deus a seguinte promessa: - “Senhora Mãe de Deus e Mãe de Portugal, eu te peço – por quem Tu és, e pelo grande poder que tens junto ao Teu Filho Deus, faze-me feliz no nascimento do filho que o Senhor me deu.

“Dá-me o Bom Sucesso, e eu Te prometo: - A primeira paróquia fundada de futuro em Portugal ou nas colônias, eu darei por Padroeira Nossa Senhora do Bom Sucesso.”

E a primeira paróquia ereta foi na vila real de S. José de Pindamonhangaba.

ba, Província de S. Vicente, no Brasil, ou Terra de Santa Cruz.

“Em felicíssimo sucesso nasceu Dom João VI, aquele que mais tarde havia de vir para o Brasil, fixar residência na cidade de S. Salvador da Bahia e elevar o Brasil a Vice-Reinado em 1808.” (Informação dada por Mons. João José de Azevedo, Ver. Vigário da paróquia de N. Sra. do Bom Sucesso)

Esta imagem de N. Senhora que veio de Portugal, representa N. Senhora de pé com seu divino filho nos braços, vestida de um longo manto bordado de ouro e trazendo à mão direita um cetro de prata, tem coroa de rainha, como o Menino Deus em seus braços a tem de Rei do Céu e da Terra. A imagem representa a Rainha de pé, em atitude de ação e governo. Veste-se com manto dourado tal qual o manto real das antigas rainhas portuguesas.

O menino veste-se de ouro, com indumentária dos infantezinhos portugueses de outrora.

A imagem, de escultor desconhecido, é um todo de madeira. (informação de Mons. João José de Azevedo)

## **IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO**

Esta Irmandade foi fundada em 1798, morrendo em 1901.

Foi restaurada em 1927 por Mons. João José de Azevedo, quando se inaugurou a capela mor nova da matriz de Pindamonhangaba.

Esta irmandade reúne senhoras pindamonhangabenses, tendo por distinti-

vo uma fita larga azul e branco.

Tem por finalidade acautelar os interesses espirituais e materiais da paróquia.

No momento conta com 400 zeladoras espalhadas por toda parte.

Reúnem-se na festa da padroeira, no dia 8 de setembro.

Onde estão, rezam por Pindamonhangaba e ajudam com recursos materiais.

A esta Irmandade podem pertencer tanto homens como senhoras.

Todo primeiro sábado é celebrada uma missa solene por intenção dos irmãos vivos e defuntos.

(informação de Mons. João José de Azevedo)

## **FESTAS DE NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO EM PINDAMONHANGABA**

No dia 8 de setembro, festejam os pindamonhangabenses a sua padroeira, por ser esta, a data da sua natividade.

Estas festas são sempre precedidas de uma novena, com rezas de missas e muitas comunhões.

São também escolhidos 9 oradores, cada um falando sobre um tema.

Estes oradores tanto podem ser clérigos ou leigos.

Preferem-se, em geral, oradores pindamonhangabenses.

Estas conferências são sempre muito apreciadas por todos, e a igreja física repleta de pessoas, alguns lá vão por piedade, outros pelo desejo de ouvir oradores (informação do Sr. Rafael Pires).



No último dia de novena, à tarde, realizam a procissão levando em carro belíssimo a grande Rainha Padroeira.

Organizam-se Comissões de moças vestidas de uma cor previamente combinada, convidam-se muitos anjinhos vestidos de branco, rosa e azul.

Todas as irmandades acompanham o magno Préstito. As ruas por onde deve passar a procissão são todas enfeitadas com um tapete de folhas e flores, enfeitam-se também as fachadas das casas com toalhas bordadas e verdes festões, nas janelas colocam-se vasos de folhagens e flores.

Durante todo o trajeto é acompanhada pela banda e cânticos dos fieis.

Como o centro de todas essas manifestações é Nossa Senhora do Bom Sucesso e como o andor em que é levada varia de ano para ano, resolvi conversar com a pessoa encarregada da sua execução.

Assim dirigi-me ao senhor Rafael Pires que bondosamente se prestou a me fornecer todas as informações necessárias.

Sr. Rafael conta atualmente 66 anos e é muito conhecido e estimado por todos, pois aqui nasceu e vive até hoje.

Contou-me ele que todos os anos faz o andor, e dá todas as ideias para enfeitá-lo.

As flores para o mesmo são executadas pelas suas habilidosas irmãs.

Deste mister ele se ocupa há mais de vinte anos. E diz que o faz da melhor maneira possível, procurando melhorar cada vez mais.

Perguntei-lhe se estes andores não tinham um padrão de formato ou de cor. Respondeu-me que não.

Cada ano ele faz um modelo diferente e até hoje nunca fez dois que fossem semelhantes.

O material geralmente empregado é o papel crepom; quando porém encomendam-lhe um mais luxuoso, usam-se também folhas de lata e material adequado a elas, como: - canutilhos, contas palheta etc.

As cores usadas são: - rosa, azul-claro, branco.

Usa-se também o prateado e o dourado, porém estes no caso de andar mais caro.

Quanto aos festeiros, são convidados casais, uma família toda, como é o caso deste ano, ou então a irmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso que com esmolas angariadas faz a festa.

Em qualquer destes casos porém, nunca são convidadas pessoas diferentes para cada dia da novena, como se costuma fazer em festas de outros santos.

O casal ou família que é convidada se encarrega dos 9 dias e também da procissão.

Este convite é feito pelo Senhor Vigário.

Interessada em saber como eram feitas as festas de Nossa Senhora antigamente, procurei informações com várias pessoas de idade avançada e que residem aqui desde pequenos, e deles sempre obtive a mesma resposta: - As festas de Nossa Senhora do Bom Sucesso sempre têm sido o que são hoje, só que naturalmente os trajes dos que acompanham a procissão mudaram.

Antigamente as Comissões de moças usavam todos vestidos compridos; hoje usam vestidos de passeio.

Fora estes pormenores, ela nada mudou. Nossa Senhora do Bom Sucesso

continua sendo cada vez mais cultuada.

(informação do Sr. Rafael Pires e várias pessoas consultadas ao acaso)

## PARTE FOLCLÓRICA

Quanto à parte folclórica, como neste município existem várias “congadas” (assim impropriamente chamados porque na verdade é o Moçambique o que por aqui dançam, sendo a “congada” mais complicada, exigindo o uso de espadas – informação dada pela Sra. Professora Nylza Yvonete de Oliveira) procurei saber se eles dançam nas festas de Nossa Senhora do Bom Sucesso.

Segundo informações do Sr. Rafael e outros, antigamente dançaram algumas vezes, mas as “congadas” são próprias de festas de S. Benedito.

“As festas de Nossa Senhora são festas sérias, e por isso não costumam dançar”. (informação do Sr. Rafael Pires)

O culto à N. Sra. do Bom Sucesso é um pouco diferente do culto a outros santos milagrosos.

Primeiramente, não encontrei nada que pudesse ser classificado como folclórico, apesar de ser tão antigo o seu culto.

Em segundo lugar, não existe a “Sala dos Milagres”, tão comum em igrejas de santos milagrosos.

Não encontramos na Igreja de Pindamonhangaba, nem retratos, nem cabelos e nem tão pouco membros de cera.

Isto porque as pessoas que fazem promessas preferem oferecer à Santa, velas ou óbulos para a igreja.



Quanto aos retratos, são encontrados algumas vezes aos pés de Nossa Senhora, mas as zeladoras da igreja costumam retirá-los dali para não enfeiar o altar-mor.

Diz Sr. Rafael que na ocasião de guerras são inúmeros os retratos ali encontrados, de moços soldados.

Apesar de ser a Padroeira do município, Nossa Senhora do Bom Sucesso é principalmente a padroeira de todas as senhoras grávidas, isto naturalmente devido a sua origem.

A devoção a Nossa Senhora do Bom Sucesso cresce cada vez mais, e neste município até existe um bairro com o nome de Bom Sucesso, em homenagem à Padroeira.

## MILAGRES

Procurando alguém que pudesse narrar-me um dos milagres da Virgem, conversei com a Sra. Anna Joaquina Homem de Mello, piedosa senhora de 89 anos, possuidora de uma devoção toda

especial para com a rainha-Padroeira, e dela obtive a seguinte história que ocorreu com a própria narradora: -

Deixarei que a própria Da. Anna narre este episódio que ela mesma diz ser difícil de ser acreditada.

“Foi há muitos anos atrás, nem me lembro o ano, sei que faz muito mais que 20 anos.

Tínhamos uma fazenda em Quilombo que fica mais de meia légua daqui. E percorríamos este trecho de trole, pois naquele tempo não havia automóvel.

Para chegar tínhamos que subir por uma subida bastante íngreme tendo de um lado um barranco e de outro um espinheiro.

O homem que guiava os cavalos costumava ir muito devagar e quando chegava à subida o carro começava a voltar para trás.

Eu ficava nervosa e gritava:- “Bate nos cavalos! Vá mais depressa!”

Um dia, eu estava esperando o nascimento da minha filha; íamos para Quilombo, quando os cavalos pareciam não conseguir puxar o trole, e o carro começou a afastar pela descida. Eu gritei:- Bate nos cavalos, homem! Mas como o cocheiro não obedecesse, saltei do carro e, segurando em fios de capim, procurei apoio para subir o barranco.

Quando consegui, caí bem em frente aos cavalos; neste momento, o cocheiro estalou o chicote e os cavalos deram um arranco.

Vendo-me naquele perigo gritei:- “Nossa Senhora do Bom Sucesso!” e elevei os braços para o alto, procurando num gesto instintivo empurrar as cabeças dos cavalos da frente.

Oh! Milagre dos Milagres! Ambos pararam subitamente e permaneceram com as patas levantadas, jogando com este movimento terra no meu rosto; e assim permaneceram até que eu conseguisse levantar-me e desse dois passos, escapando assim com minha filha da morte certa.”

Este relato de Da. Anna Joaquina é quase inacreditável, mas ela afirma ser verdadeiro e relatou-me com todos os detalhes.

Hoje bastante idosa, ainda dedica o seu tempo a recolher esmolas para a igreja, e quando alguém a vê curvadinha, andando pelas ruas e lhe aconselha que descanse, Da. Joaquina responde sorridente:- “A gente deve fazer também algo para Deus; dele recebemos tanta coisa!”...

Em entrevista com o Sr. Vigário da paróquia de Nossa Senhora do Bom

Sucesso, narrou-me ele o seguinte milagre ocorrido com Dr. Eloi Chaves, possuidor de especial devoção pra Nossa Senhora de Bom Sucesso:- “Dr. Eloi Chaves ilustre cidadão pindamonhangabense, possui em Rio Claro, no Estado Bandeirante, uma grande usina elétrica geradora de luz e força para meia dúzia de cidades circunvizinhas.

De súbito, um grave desarranjo nas máquinas. Chamam-se técnicos, mecânicos da Capital, tudo inútil. Permaneciam paradas, zombando de todos os recursos dos entendidos em eletrotécnica.

Dr. Eloi Chaves contratou um alemão de S. Paulo para serviços. Já as cidades se revoltaram à falta de luz e força. Cheio de fé, lembrou-se da Padroeira de sua terra natal.

Pregou às máquinas uma efígie da Milagrosa Santa, pediu licença ao Sr. Bispo de Campinas para uma Missa nas Usinas.

Cheio de confiança do grande poder da Mãe de Deus, ao terminar o Santo Sacrifício ao qual assistiram os operários, mandou ligar a chave mestra e, ó admiração! Ó milagre!

Tudo “entrou em magnífico funcionamento; cintilaram as lâmpadas elétricas e moveram-se as máquinas.”

(segundo narração de Mons. João José de Azevedo)

Achei ser um caso interessante este, pois segundo pesquisas, Dr. Eloi Chaves nem ao menos havia experimentado antes a tal confiança, a fé que tinha. Convém também notar que esta máquina, na qual verificou-se o desarranjo, tinha vindo da Alemanha, não havendo

possibilidade de encontrar nem peças e nem técnicos para ela.

Pessoas que se curaram de enfermidades por graça da Padroeira, têm sido muitas, entre estes podemos citar Dr. Dino Bueno, outro ilustre pindamonhangabense que em sinal de gratidão deu à Nossa Senhora o altar-mor onde hoje se acha a sua imagem.

Ao lado do altar numa placa de metal encontramos a seguinte inscrição:-

“À N. Sra. do Bom Sucesso oferta do senador Dino Bueno pequena demonstração de imensa gratidão pelos grandes favores d’Ella recebidos”. 8-XII-1927

## CONCLUSÃO

Terminando este trabalho que até agora constou somente de pesquisas, farei algumas observações minhas a modo de conclusão.

Primeiramente, notei em todos que me forneceram informações um verdadeiro prazer, por poder de alguma forma, falar da sua devoção. “E pode escrever no seu trabalho que cada ano procuramos fazer andar mais bonito possível, que temos nisso a melhor boa vontade”. (Sr. Rafael Pires)

E esta devoção cria como que um ambiente de solidariedade entre as pessoas.

Pessoas conhecidas se prestaram de boa vontade a fornecer informações.

Interessante é também notar que

esta devoção foi uma coisa como que imposta, e inicialmente os pindamonhangabenses não gostaram desta imposição de uma nova padroeira, pois aqui eles já tinham São José. Tanto que a denominação antiga desta cidade era: “Vila real de São José de Pindamonhangaba” como consta de livro de Atayde Marcondes.

Somente concordaram em tê-la como padroeira por prometerem as autoridades deixar São José como segundo padroeiro.

Outro fato também interessante é certamente a festa da padroeira, não só a festa na sua maneira de ser celebrada, mas as suas consequências, iato é o grande deslocamento da população rural para a cidade, trazendo isso as suas naturais consequências.

A cidade durante as festividades muda muito; aparecem tipos diferentes como os vendedores ambulantes, vendedoras de quitutes com seu tabuleiro etc.

Quanto à exploração, certamente deve haver um pouco, mas por ser pouco quase não é notada.

Finalizando esta, repetirei que os pindamonhangabenses têm Nossa Senhora do Bom Sucesso como sua maior devoção, e têm um grande orgulho em possuí-la como Padroeira.

...”Que melhor Sucesso para Pindamonhangaba com tanta gente santa, de braços erguidos ao céu em súplica perene?...”

# Valeparaibanos na Filatelia

## *José Antonio Bittencourt Ferraz*

Professor aposentado da Rede Estadual do Estado de São Paulo, formado em Ciências Biológicas pela atual UNITAL. Nasceu em Guaratinguetá-SP. Filatelista há 63 anos e jornalista Filatélico há mais de 39 anos. Membro do Clube Filatélico e Numismático de Lorena, do Instituto de Estudos Valeparaibanos (I.E.V.) da Associação Cultural de Cachoeira Paulista (FILACAP), da Associação Brasileira de Jornalistas Filatélicos (ABRAJOF), da Academia de Letras de Lorena e do Lions Clube de Lorena.

Iniciamos apresentando alguns conceitos que são necessárias para o pleno entendimento do presente trabalho tais como **Filatelia**; Filatelista; selo ordinário, selo e carimbo comemorativo. Mas iniciamos com a etimologia da palavra que vai esclarecer muita coisa: ETIM fr. philatélie 'id.' do gr. philós 'amigo' e atel s imposto 'franqueado'. A palavra francesa "philatélie" para a área que começava a se destacar na época foi proposta por em 1864 por Georges Herpin. Filatelia, portanto, é o estudo e o colecionismo de selos postais e materiais relacionados. A filatelia tem várias áreas de estudo, a saber: filatelia tradicional, história postal, pré-filatelia, marcofilia, inteiros postais, filatelia temática, aerofilatelia, maximafilia. Nós nos ateremos apenas na Filatelia Tradicional e na Marcofilia. Filatelista é a pessoa que coleciona selos e assuntos relacionados. **A Filatelia Tradicional** envolve todos os selos emitidos por um determinado país sejam eles ordinários e comemorativos. **Marcofilia** é o colecionismo e estudo de marcas postais, isto é, dos carimbos.

O primeiro valeparaibano a ser homenageado com emissão de um selo postal foi o **Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves**. O Conselheiro Rodrigues Alves nasceu em Guaratinguetá no dia 7 de julho de 1848 e morreu no Rio de Janeiro no dia 16 de janeiro de 1919 registrando este ano o Centenário de sua morte. O Conselheiro Rodrigues Alves foi advogado, político brasileiro, Conselheiro do Império, presidente da Província de São Paulo, Presidente do Estado de São Paulo, Ministro da Fazenda e o quinto presidente do Brasil. Governou São Paulo por três mandatos:



1887-1888, como presidente da província, e como quinto presidente do estado de 1900 a 1902 e como nono presidente do estado de 1912 a 1916. Elegeu-se duas vezes, cumprindo integralmente o primeiro mandato (1902 a 1906), mas faleceu antes de assumir o segundo mandato (que deveria se estender de 1918 a 1922).

O selo foi emitido em 1906 com o valor de 770 rs e em 1907 com o valor de 5000 rs. (fig. 01). Carimbo comemorativo do Centenário de Nascimento do Conselheiro Rodrigues Alves. Fig 01-A Carimbo comemorativo do Sesquicentenário de Nascimento do Conselheiro Rodrigues Alves. Fig.01-B Carimbo comemorativo do Centenário do Título de Conselheiro Rodrigues Alves. Fig. 01-C.



Figura 1



Figura 01-A



Figura 01-B



Figura 01-C

O segundo valeparaibano foi **Nilo Procópio Peçanha** que nasceu em Campos dos Goytacazes (RJ) no dia 2 de outubro de 1867 e morreu no Rio de Janeiro no dia 31 de março de 1924 há, portanto, 95 anos. Ele foi um político brasileiro e que assumiu a Presidência da República após o falecimento de Afonso Pena, em 14 de junho de 1909 e governou até 15 de novembro de 1910. O selo foi emitido em 1907 com o valor de 10000 rs. (fig.02) Nilo Peçanha é homenageado também homenageado com a emissão de um selo comemorativo ao seu Centenário de Nascimento. (Fig.02-A)



Figura 02

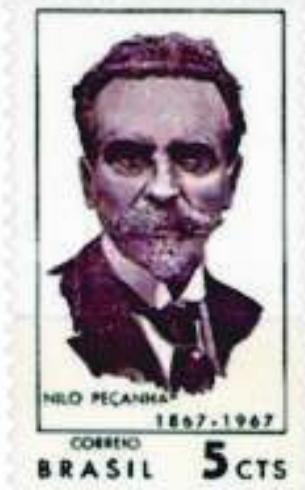


Figura 02-A

O terceiro valeparaibano a ser homenageado com a emissão de um carimbo comemorativo pelo transcurso do **Bicentenário do Levante** denominado de Dona Benta Pereira. Ela era viúva de Pedro Manhães, jovem, com seis filhos menores nasceu em Campos (RJ) no ano de 1675 e morreu na mesma cidade aos 75 anos, em 10 de dezembro de 1760. Aos 72 anos de idade, Benta Pereira montou num cavalo e armada liderou uma revolta contra o 3º Visconde de Asseca, Diogo Corrêa de Sá, donatário da capitania da Paraíba do Sul. Ela lutava não só

pela liberdade de suas terras, cujas delimitações haviam sido infringidas pelos viscondes, como contra os pesados impostos requeridos pelo donatário. Os colonos, herdeiros de terras e pessoas comuns já haviam sentido o gosto revolucionário, o gosto de uma independência ainda que tardia, sob o comando de Benta Pereira. E os Viscondes de Asseca, enfraquecidos, logo, logo perderam suas terras. Em 1752 a capitania da Paraíba do Sul foi incorporada à coroa portuguesa.

Muitos a consideram a Anita Garibaldi de Campos, outros a chamam de Joana D'arc, o mais importante é que Benta Pereira foi uma guerreira e não deve ser esquecida pela história. O seu corpo foi sepultado na Capela da Fazenda do Colégio, em Goitacazes distrito de Campos. Fig.03



Figura 03

O quarto valeparaibano a ser homenageado com emissão de um selo postal foi **Oswaldo Gonçalves Cruz** que nasceu em São Luiz do Paraitinga no dia 5 de agosto de agosto de 1872 e morreu em Petrópolis (RJ) no dia 11 de fevereiro de 1917. Foi importante um cientista, médico, bacteriologista, epidemiologista e sanitarista brasileiro. Foi pioneiro no es-

tudo das moléstias tropicais e da medicina experimental no Brasil. Fundou em 1900 o Instituto Soroterápico Federal no bairro de Manguinhos, no Rio de Janeiro, transformado em Instituto Oswaldo Cruz, respeitado internacionalmente. Figura 04.

Durante o 5º Congresso de Microbiologia no Rio de Janeiro ele é homenageado com emissão de um selo. (Fig.04-A)



Figura 04



Figura 04-A

O quinto valeparaibano foi **José Bento Monteiro Lobato** nasceu em Taubaté, Província de São Paulo no dia 18 de abril de 1882 e morreu na cidade de São Paulo no dia 4 de julho de 1948 aos 66 anos. Importante escritor, ativista, diretor e produtor brasileiro. Fig.05.

Carimbo da Semana Monteiro Lobato (1981) Fig.05-A



Figura 05



Figura 05-A



Figura 05-B

O sexto valeparaibano a ser homenageado com a emissão de um selo foi o Sr. Francisco de Paulo Vicente de Azevedo – Barão da Bocaina que nasceu em Lorena (SP) no dia 8 de outubro de 1856 e morreu em São Paulo no dia 17 de outubro de 1938. Foi importante fazendeiro, banqueiro, e comerciante. Lorena comemorou o seu Sesquicentenário de Nascimento em 2006. Envelope comemorativo e carimbo. Fig. 06-A



Figura 06



Figura 06-A

O sétimo valeparaibano é a ser homenageado com a emissão de um carimbo comemorativo foi o Dr. Arnolfo de Azevedo nasceu em Lorena no dia 11 de novembro de 1868 e morreu em São Paulo no dia 14 de janeiro de 1942 aos 66 anos. Importante político brasileiro foi presidente da Câmara dos Deputados e senador durante a República Velha. Iniciou sua carreira política em 1891 quando ingressou no Partido Republicano Paulista. No ano seguinte foi eleito vereador em Lorena, sendo posteriormente escolhido intendente municipal. Em 1895 foi eleito deputado estadual, sendo reeleito em 1898. Elegeu-se deputado federal em 1903 e renovou o mandato sucessivamente nos pleitos de 1906, 1909, 1912, 1915, 1918, 1921 e 1924. Assumiu a presidência da Câmara dos Deputados em maio de 1921 e durante seu mandato foi construído o Palácio Tiradentes, inaugurado no dia 6 de maio de 1926. Deixou o cargo em dezembro de 1926 e neste mesmo ano ingressou no Senado Federal, onde permaneceu até outubro de 1930, quando foram suspensas as atividades parlamentares em decorrência do golpe comandado por Getúlio Vargas, encerrando então definitivamente sua carreira política. Fig.07





Figura 07

O oitavo valeparaibano a ser homenageado com emissão de um carimbo comemorativo foi **João Antônio de Azevedo Cruz** poeta que nasceu na freguesia de Santa Rita da Lagoa de Cima, município de Campos, Estado do Rio, em 22 de julho de 1870 e faleceu, em Nova Friburgo (RJ) no dia 22 de janeiro de 1905, sendo enterrado em Campos onde foi erigido um mausoléu e, na Praça de São Salvador, uma herma.

Os valeparaibanos **Dr. Carlos da Silva Lacaz** nasceu em Guaratinguetá no dia 19 de setembro de 1915 e morreu em São Paulo no dia 23 de abril de 2002 foi um médico, cientista e professor brasileiro.

O **Dr. Eurycles de Jesus Zerbini** nasceu em Guaratinguetá no dia 10 de maio de 1912 e morreu em São Paulo no dia 23 de outubro de 1993 importante médico cardiologista brasileiro, sendo o quinto do mundo, e o primeiro da América Latina, a realizar um transplante de coração.

E **Francisco de Assis Barbosa** nasceu em Guaratinguetá no dia 21 de janeiro de 1914 e morreu no Rio de Janeiro no dia 8 de dezembro de 1991 foi um biógrafo, ensaísta, historiador e jornalista brasileiro, imortal da Academia Brasileira de Letras. Eles foram homenageados com a emissão de um carimbo comemorativo cada um. Respectivamente o nono, o décimo e décimo primeiro homenageados. Fig.09



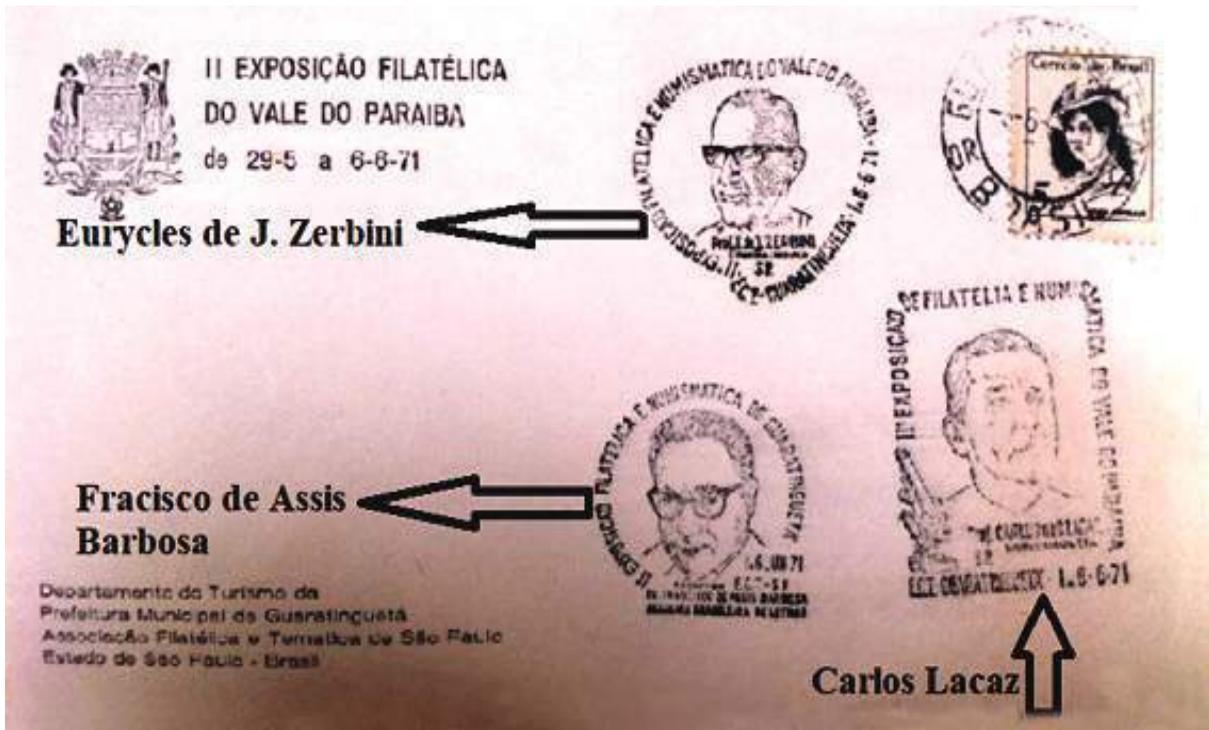


Figura 09

**Miguel da Silva Pereira** nasceu em São José do Barreiro no ano de 1871 e morreu em Miguel Pereira (RJ) no dia 23 de dezembro de 1918 foi um médico sanitarista e professor brasileiro, membro da Academia Nacional de Medicina. O distrito de Estiva, então pertencente ao município de Vassouras, foi rebatizado com o seu nome em 1955. Hoje é a cidade de Miguel Pereira. Ele foi o décimo segundo valeparaibano a receber uma homenagem filatélica.

O décimo terceiro é o **Frei Antônio de Sant'Anna Galvão** nasceu em Guaratingueta no ano de 1739 e morreu em São Paulo no dia 23 de dezembro de 1822 foi importante frade brasileiro. Frei Galvão foi canonizado pelo Papa Bento XVI em 11 de maio de 2007, tornando-se o primeiro santo nascido no Brasil. Fig. 11

O décimo quarto é o nosso campeão de salto triplo **João Carlos**



Figura 11

**de Oliveira - João do Pulo** nasceu em Pindamonhangaba no dia 28 de maio de 1954 – São Paulo, 29 de maio de 1999), foi um atleta, especializado em saltos, sendo ex-recordista mundial do salto triplo, medalhista olímpico e tetra-campeão

panamericano no triplo e no salto em distância, militar e político brasileiro. Militar por formação profissional, após abandonar o atletismo em virtude de um desastre automobilístico em que perdeu uma perna, tornou-se político, sendo eleito para dois mandatos como deputado estadual em seu estado natal, São Paulo. Fig. 12.

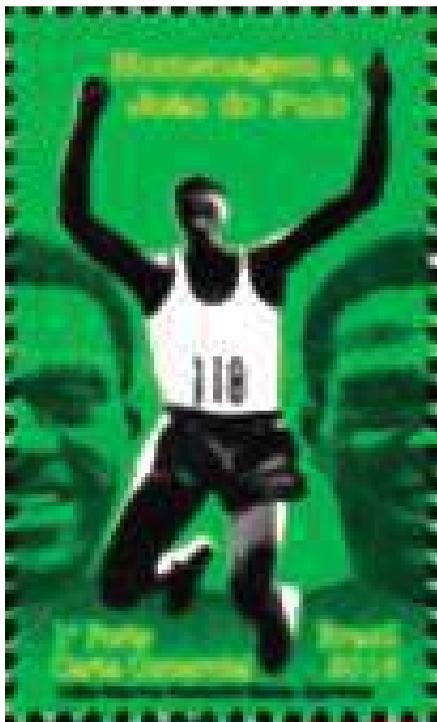


Figura 12

O Prof. Aroldo de Azevedo é o décimo quinto homenageado. Ele nasceu em Lorena no dia 3 de março de 1910 e morreu em São Paulo no dia 4 de outubro de 1974. Foi importante geógrafo e geomorfólogo brasileiro. Foi também o primeiro grande autor de livros didáticos de geografia do Brasil, com mais de trinta títulos publicados, e marcou o ensino desta disciplina para várias gerações de estudantes. Fig. 13 e Fig. 14



Figura 13



Figura 14

A filatelia é mais do que um passatempo, é a somatória de arte, educação, cultura, lazer e terapia.

## BIBLIOGRAFIA

Pesquisa na internet, Catálogo de selos do Brasil, Catálogos de Carimbos Comemorativos, Associação Cultural FILA-CAP e Peças da Coleção de José Antonio Bittencourt Ferraz.

# Lorena, 1903

## Euclides da Cunha e a figueira brava

*José Luiz de Miranda Alves*

Graduação em Letras pelo Centro Universitário Salesiano São Paulo(1972), graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Salesiano São Paulo(1980), especialização em Lg.Portuguesa:Linguística Aplicada Ens .Portugues pelo Centro Universitário Salesiano São Paulo(1974), especialização em Linguística de Texto e Ensino de Português pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila(1996), mestrado em Educação pelo Centro Universitário Salesiano São Paulo(2002) e aperfeiçoamento em Estrutura do Inglês Moderno pela Universidade de Mogi das Cruzes(1975). Coordenador Pedagógico do Centro Universitário Teresa D'Ávila.

Em Lorena. houve muitas figueiras, enormes, frondosas, de copas amplas e rdlhas largas e rijas. Consta que várias viveram na zona rural, soube de uma lá pelos lados do Morro Frio. outra no entorno da Fazenda do Ipê, beirando onde é. hoje. a Via Dutra. Pelo menos. ha\ ia três. no início do século passado, na zona urbana. Uma na Cabelinha. outra no lugar em que. nos inícios dos 1950, foi aberta a Avenida Dr. Peixoto de Castro, e aquela que vicejou onde. hoje. é o pátio do fundo da Escola Municipal Conde de Moreira Lima



[http://3.bp.blogspot.com/\\_5n4Dw6ONDIg/TUx0ZtCJOYI/AAAAAAAAAAks/N9p0b2xbgY0/s1600/digitalizar0058.jpg](http://3.bp.blogspot.com/_5n4Dw6ONDIg/TUx0ZtCJOYI/AAAAAAAAAAks/N9p0b2xbgY0/s1600/digitalizar0058.jpg)





<http://4.bp.blogspot.com/-3cPWgxuzbGM/TVhtEnP5ZT1/AAAAAAAAAuU/2idceAkeeAI/s1600/digitalizar0181.jpg>

Resiste a do Bairro da Cabelinha, com a altivez e a personalidade que manteriam as outras, não fossem mãos e mentes ruinosas, talvez avaras ou rancorosas, decepá-las como cabeça de jagunço aprisionado.

Sabe lá porque resiste a da Cabelinha. Diziam antigos moradores que conheci, no tempo que trabalhei na Farmácia São José, de meu primo José Carlos de Andrade Alves, o Zé da Farmácia, prático farmacêutico com experiência e curas, diziam aqueles senhores - o “velho” Gurpilhares. o Senhor Saint Claire, Antônio Pelúcio e outros habitues da farmácia e, principalmente, o pintor Arthur Júnior, mestre acadêmico de tantas gerações (tio da Acadêmica Wilma Lúcia) - que a figueira da Cabelinha se safou porque era morada do diabo, que. mergulhado

no alto cálice da copa, rodeado de morcegos de mil asas. afugenta quem passa por debaixo dos galhos hirsutos de parasitas, lançando tufo de raízes, terrões, farpeando ventos em rufo por entre os cabelos de desavisados ou ousados, isto quando não, nos meses da desfolha, crispa os galhos como garras hirtas e descarnadas, arranhando com voracidade a aragem que quer descer da Mantiqueira para vaguear pela várzea.

Sob uma dessas admiráveis figueiras, o escritor Euclides da Cunha, quando residia em Lorena, entre os dezembros de 1901 e 1903, acomodou-se. desfrutando da sombra que reanimava e acabou, num desabafo egoísta, dizendo: “Esta figueira é minha, ...”, nas poucas vezes que se referiu à cidade, nos intervalos de idas e vindas pelas cidades da região

onde exerceu a sua engenharia cansativa, como ele se referia à profissão, a erguer pontes, reformar cadeias, recuperar escolas.

É preciso saber com certeza, conferir que figueira foi esta privilegiada que abrigou o esfalfado escritor.

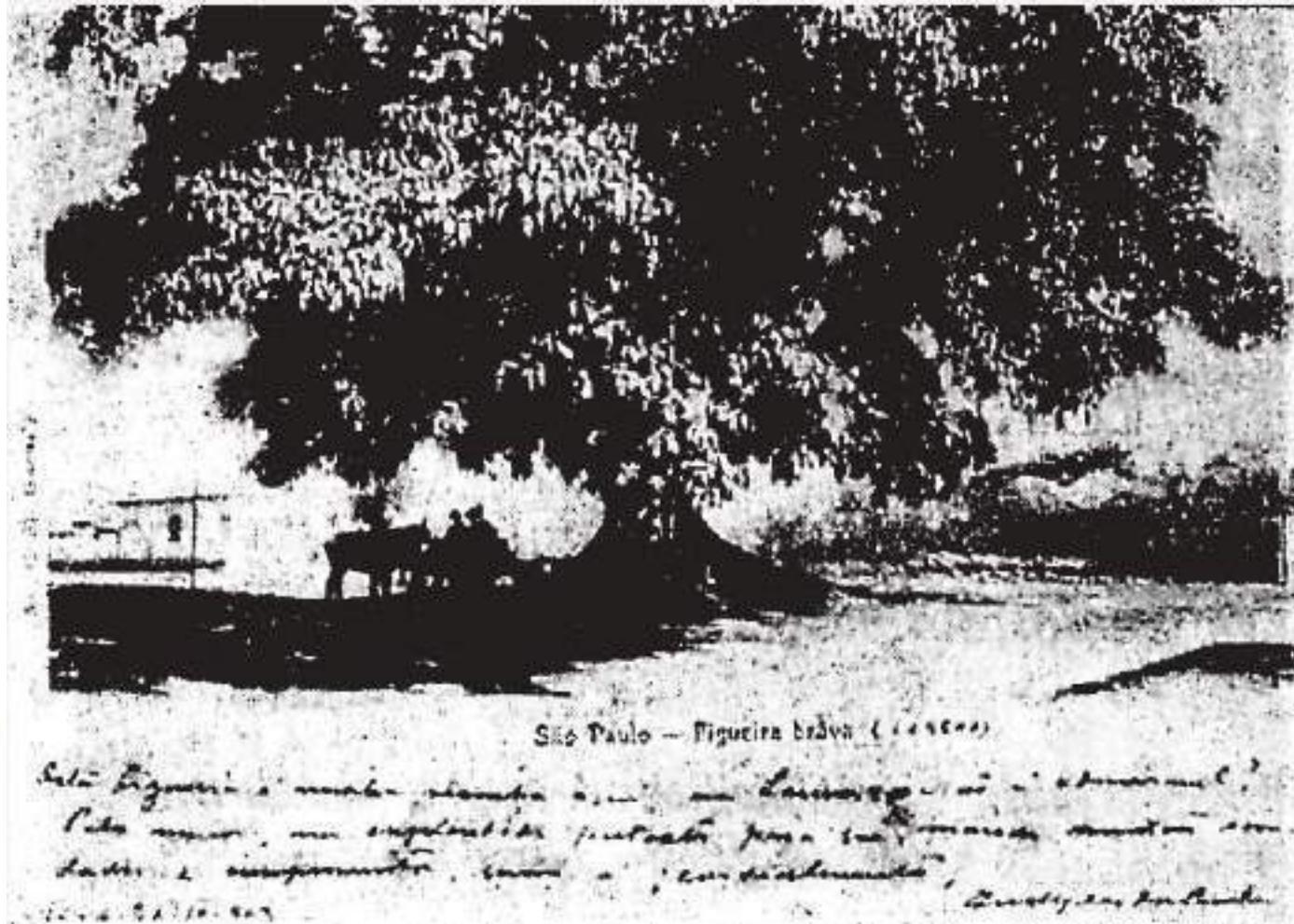
Nas minhas escutas, os antigos cidadãos de Lorena, nos anos 1960 e 1970 do século passado, diziam, com os argumentos razoáveis que a lógica do afastamento e do tempo permite, que a figueira euclidiana não era a da Cabelinha, em extremo oposto para onde o escritor rumava, em suas viagens. Não era a da entrada da Peixoto, pois, por ali, não se chegava nem se saía da cidade, para onde se vinha, conforme assegurou-me, certa vez, o Professor Roberto Rício, pela atual Avenida Sete de Setembro. Meus velhos amigos acreditavam ser a que atendia onde está a Rua Pedro Vicente de Azevedo, mais próxima da Estação Ferroviária

e da casa do escritor, em frente ao Correio. Confirma a topografia, ao observar, atentamente, com lupa e na claridade, as fotos disponíveis - da Peixoto e da Cabelinha, comparando-as com o postal que Lúcio de Mendonça recebeu em 1903.

O pintor Arthur Jr. que pintou uma tela a partir do cartão de Euclides (suponho que esteja na Casa de Cultura) contava-me, em nossas conversas que continuaram depois que deixei a Farmácia, que, dos seus contatos com moradores mais antigos do que aqueles que tive o prazer de encontrar, soube que uma velha senhora, vizinha da figueira, cansada de varrer quintal e jardim da casa das folhas da figueira, ia, ao fim de noite, depois que a rua ficava quieta e deserta, jogar água quente com sal no pé da árvore, até ver ela definhar e apodrecer [a figueira, não a velha], deixando cair as folhas, os caules pelados e os galhos apodrecidos.



Fotografia de pintura do pintor Luiz Romualdo, copiada da Revista Objetiva, nov. 1986.



Mas a proposta, agora, é oferecer ao debate outra leitura do texto escrito por Euclides da Cunha, no anverso do postal no qual se refere à figueira brava de Lorena. Talvez a transcrição mais conhecida por aqui, pela região. Versão que está em documentos da Coleção Sala Euclides da Cunha, alocada na UNISAL, da qual o Historiador Diego Amaro de Almeida se valeu em seu excelente trabalho *A Casa Euclides da Cunha* ([www.valedoparaiba.com/terragente/artigos/art0172001.html](http://www.valedoparaiba.com/terragente/artigos/art0172001.html)) e que tem servido a vários pesquisadores, além de ser bastante divulgada em alguns sites sobre o escritor (por exemplo: [www.euclides.site.br.com](http://www.euclides.site.br.com)).

Também, nesse trabalho, o Professor Diego cita o escritor Brito Broca que

conta “que em certa vez no gabinete do Prefeito de Lorena, Euclides referia-se encantado a certa árvore da cidade, árvore centenária, em tomo da qual tecia um verdadeiro poema, quando Arnolfo Azevedo, que então administrava a cidade, deu uma boa gargalhada e disse: ‘– Se o senhor souber que ontem mandei derrubar esta árvore, não servia mais para nada e estava causando ali séria atrapalhão...’ O escritor ficou interdito, mostrando-se verdadeiramente desolado com a notícia.

A abatida teria sido a figueira brava do postal? E mais uma conjectura, história diferente da que me contou o pintor Arthur Jr.

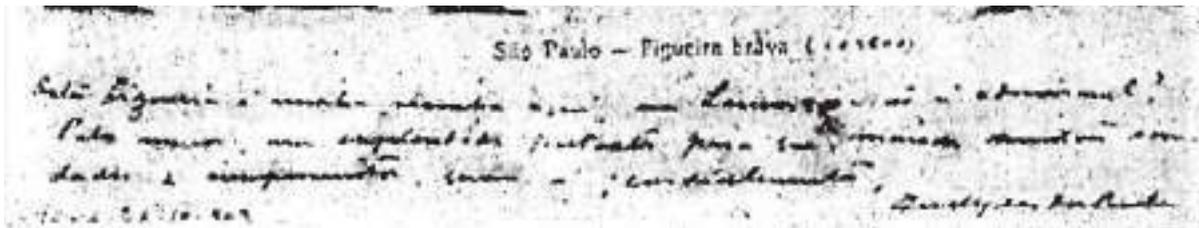
A versão citada no artigo do Professor Diego traz:

São Paulo - Figueira brava (Lorena)

“Esta figueira é minha, minha sim, em Lorena, não é admirável? Pelo menos, ..... pretexto para ..... muitas saudades e cumprimentos, quem é cordialmente,

Euclides da Cunha

Lorena, 24 (ou 26)/10?/903



Transcrevo-a, em seguida, na disposição paragrafada escolhida pelo autor.

São Paulo - Figueira brava (Lorena)

Esta figueira é minha, minha sim, em Lorena, não é admirável?

Pelo menos, ..... pretexto para ..... muitas saudades e cumprimentos, quem é cordialmente,

Euclides da Cunha

Lorena, 24 (ou 26)/10?/903

Esta era a versão que primeiro conheci, mas, lá um dia, tomei tento de verificar se descobria as palavras que, estando no texto, faltavam na “tradução” conhecida. A ideia era conseguir o texto completo ou o mais próximo disso, meter o cepilho nas costas empoeiradas das palavras e abrir o contorno. Fiz ensaios, cheguei grafia, analisei manuscritos do

autor, disponíveis em livros, jornais e revistas, e comparei, buscando não comprometer o sentido do texto, enviado a um de seus destinatários costumeiros, com quem Euclides da Cunha tinha familiaridade, fraterna intimidade intelectual. Cacei as diferenças e as possíveis similitudes e cheguei, preliminarmente, a esta versão:

São Paulo - Figueira brava (Lorena)

“Esta figueira é minha, (.....) [aqui], em Lorena [veja], não é admirável?

Pelo menos, [um esplendido] pretexto para [encaminhar] muitas saudades e cumprimentos, quem é, cordialmente,

Euclides da Cunha

Lorena, 24 (ou 26)/10?/903

Mas não me satisfez. Algo, ainda, fugia.

Em Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti, no livro “Correspondência de Euclides da Cunha” (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997), nas páginas 187 e 188, Carta n° 153, o postal é transcrito assim:

Anverso

São Paulo - Figueira Brava (Lorena) - (Foto)

Reverso

Dr. Lúcio de Mendonça

Travessa do Marques do Paraná, 6 - Rio de Janeiro

Esta figueira é minha vizinha aqui, em Lorena. Não é admirável?

Pelo menos, um esplêndido pretexto para que lhe mande minhas saudades e cumprimentos, – quem é, cordialmente.

Lorena, 26 de outubro de 1903

Euclides da Cunha

(Cartão-postal)

A Professora Walnice registra, no reverso, o nome do destinatário e seu endereço completo e, no anverso, o texto completo, embora não esclareça que a transcrição é sua.

Curioso, no postal, escrita à mão pelo escritor, vem a palavra Lorena entre parênteses, é um complemento daquilo que já estava impresso no cartão, donde pode algum polemista ou espírito de porco dizer que, talvez, nem seja de Lorena a foto do cartão!

Há outra transcrição com o mesmo texto amplamente conhecido de Euclides que registra o nome científico da figueira brava > *Ficus glabra*.

*Cartão de Euclides a Lúcio de Mendonça, 26 out. 1903. Coleção Sala Euclides da Cunha, UNISAL. Imagem de figueira-brava (*Ficus glabra*) com o seguinte bilhete:*

*São Paulo - Figueira brava (Lorena) Esta figueira é minha, minha sim, em Lorena. Não é admirável? Pelo menos pretexto para ..... muitas saudades e cumprimentos, quem é cordialmente, Euclides da Cunha. 26-10-903*

Minha (última) proposta de leitura é esta, que segue, a que penso ser a presumível e a mais plausível, que difere, parcialmente, da de Walnice Galvão e da tradicionalmente conhecida. Como ainda falta a certeza sobre alguns vocábulos pouco nítidos ou obscuramente redigidos, fica o desafio, e aguardo as críticas e contribuições.

São Paulo - Figueira brava (Lorena)

Esta figueira é minha, atendia aqui, em Lorena, veja, não é admirável?

Pelo menos, um esplendido pretexto para que lhe mande [encaminhe] muitas saudades e cumprimentos, quem é, cordialmente,

Euclides da Cunha

Lorena, 24 (ou 26)/10?/903



Euclides da Cunha -S. Paulo, 903



## BOANERGES - UM ARTISTA DO VALE

*Cleuza Martins de Carvalho*

Este assunto nos traz dois eixos fundamentais ao abordá-lo. Para falar da obra e do artista Boanerges, que viveu no Vale do Paraíba, às margens da Via Dutra, é quase impossível não falar de duas vertentes tão agônicas primeiro.

Por ser uma obra de valor incalculável, achamos melhor começar falando de sua ausência. Sentida ausência.

Em 2008 Boanerges que morava em Moreira César deu carona a alguém que mal conhecia ou nem conhecia, na maior boa-fé. Foi brutalmente assassinado para roubá-lo. Acabou morto e abandonado pelo caminho.

Abaladíssimos, ficamos sem o gênio dos trabalhos em madeira (os primeiros) e em pedra sabão. Estes foram incentivados por Quissak Jr. (o grande artista plástico de Guaratinguetá, SP), desde 1962, quando se conheceram.

De lá até morrer povoou o pátio interno, que fica depois do Posto de Gasolina, seu ganha pão. Era uma exposição a céu aberto. Impressionante! Não comercializava os trabalhos. Não expunha em outros lugares. Deixou, em testamento, toda a obra para a neta Danusa.

Tempos depois de sua morte, o filho Marcelo alugou o restaurante que há no Posto de Gasolina. O locatário queria morar na casa que há nos fundos do terreno amplo. Seu ateliê era debaixo da caixa d'água que servia todas as dependências do lugar. O contrato foi feito com todos os cuidados necessários, pois as obras continuariam lá. Não demorou muito e o locatário contratou um tratorista para aplainar o terreno. Inacreditável! Tudo foi embolado e empurrado para as bordas do terreno, na cerca do seu entorno. Um horror! Em visita ao local, tempos depois, vimos os pedaços de obras, meio disfarçadas, sob a terra. O caso está na Justiça para ser “resolvido”... Resolver o quê? A destruição foi total. Fruto da ignorância? Do mal caráter? Não sabemos como falar de tamanha destruição. Reconhecemos que foi uma brutalidade comparada ao assassinato do artista. Duas ausências doloridíssimas e sem palavras para classificá-las. São perdas irreparáveis. Ficamos sem o artista e sem a incomparável obra.

Deixou-nos sem um patrimônio valioso, inigualável, insubstituível, sem termos de comparação.

O artista sensível e conectado com a realidade duríssima dos menos possuídos, focado cem por cento no ser humano, nas suas múltiplas expressões, preocupado com a dor, a solidão, a amargura, a fome, a pobreza, a miséria, a desigualdade, enfim, com o destino dos desvalidos.

Certa vez Boanerges disse: “Meus trabalhos não visam a perfeição física”... Completamos: mas visam a expressão dos “humilhados e ofendidos”.

Pela força e ironia do destino, diante de nossas parcas lembranças deixadas em fotografias e algumas publicações antigas,

ficamos perplexos com contemporaneidade das obras. Como um espelho da sociedade de hoje, cada obra é a expressão do que vemos na televisão, nos filmes, nos jornais e revistas, pelas ruas das cidades. São cenas similares ao que sua obra expressou. São os refugiados estrangeiros chegando de outros países, são as guerras, são os consumidos pelas drogas, pelos vícios, são os menores abandonados, os moradores de rua, os doentes nos hospitais públicos, os que têm problemas mentais ou portadores de defeitos físicos.

Esta multiplicidade de seres foi retratada na obra especialíssima de Boanerges. Ele as trazia dentro de si e deixou extravasar em cada obra, independentemente do tamanho e da especificidade de cada bloco de pedra. A intimidade com a pedra sabão foi deixando transparecer um mundo doído e sentido por sensibilidade especial, com marca única, que nos leva a reconhecer cada trabalho como seu, sem sombra de dúvida.

A grande agonia é ser um trabalho único, de valor imenso, nascido consagrado e já não existir mais. Existe na memória dos que o conheceram. Este trabalho é apenas mais um esforço de resgate de sua ‘eternidade’. Quem o conheceu jamais o esquece!

Quanto às suas obras, sentimos dificuldades em classificá-las. Tentar enquadrar o artista em um estilo, uma escola, em um caminho estético que, por seus sinais, seus signos reveladores de sua expressão, achamos, poderiam acabar por serem desajustados, incompletos, limitados. A energia que circula em cada obra, apontam para alguns caminhos de possíveis leituras, mas as obras extrapolam essas possibilidades. A investida acaba por ser incompleta.

### Grupo I

“Porque é amor que eu quero e não sacrifícios,

conhecimento de Deus mais do que holocaustos.” (Os 6, 6)

O primeiro grupo, por exemplo, composto de três obras que foram escolhidas por um sinal em comum – a corrente – que nos remetem ao mito de Prometeu, o acorrentado. No entanto, só uma das esculturas chega a ser explícita e condizente com o mito. Prometeu recebeu o castigo de ficar acorrentado, tendo seu fígado devorado pelos pelicanos durante o dia e este se reconstituía à noite. Este castigo se deve ao fato de Prometeu ter roubado o fogo dos deuses e dado aos homens. Foi quando o homem passou do cru ao cozido, ou seja,



passou a dominar e a usar o fogo a seu favor. As outras duas estátuas correspondem à servidão, simplesmente. Mas elas não se reduzem a este sinal. Há vários outros: a expressão do olhar, a posição de cada ser, a nudez ou quase, as chagas acentuadas em cada uma delas. Há uma com as mãos e os pés amarrados, outra só pés e a outra só com as mãos. Estes traços nos levam a fazer uma leitura mais abrangente que as universalize como representação. Achamos que a identificação com figuras bíblicas não as impedem de se relacionarem com o mundo mítico, com as diversas linhas estéticas e demais linhas exploratórias que garantam destaque e reconhecimento das mesmas.

#### Grupo II

“O amor e a felicidade não te abandonem,

ata-os ao pescoço, inscreve-os na tábua do coração.” (Pr 3, 3)

O segundo grupo de obras podemos chamar de ‘As Pietás’ São estátuas de três mulheres e dois homens que carregam seus filhos como mortos. Em posições similares ou não, às que conhecemos, de diversos artistas, em pinturas ou esculturas, que trazem o Cristo que acabou de descer da Cruz, o sacrifício maior. As Pietás de



Boanerges revelam a crueza de uma vida indigna, despojadas dos traços mais elementares de vida digna. São Pietás profanas que carregam a dor e o mundo miserável que as rodeiam. Incluímos duas estátuas masculinas que também trazem as mesmas marcas das anteriores, mas são atípicas, por serem masculinas. Elas demonstraram o olhar múltiplo do artista que revela a condição de muitos pais que criam seus filhos sozinhos.



### Grupo III (duas fotos)

“Eu te conhecia só de ouvir,  
mas agora meus olhos te veem;  
por isso, retrato-me

e faço penitencia no pó e na cinza.” ((Jó  
42, 5-6)

O terceiro grupo remete às duas deusas da fertilidade. Uma idosa e nua, outra, uma adolescente vestida. Elas se contrapõem entre si? Embora pobremente vestida, está recatadamente vestida, enquanto a outra está nua. Perguntamos: a idosa poderia ser Santa Isabel – a que se engravidou depois da menopausa, pela vontade de Deus? A outra seria Maria, a adolescente escolhida por Deus para engendrar o Filho do Homem, na humanidade dos seres comuns? A relação com as personagens bíblicas nasceu principalmente por essas duas estátuas: tão diferentes entre si e tão similares, ao mesmo tempo. Uma completa na outra a busca do sentido maior.





#### Grupo IV (cinco fotos)

“Eu sei que meu Defensor está vivo  
e que no fim se levantará sobre o pó:  
quando tiverem arrancado esta minha pele,  
fora de minha carne verei a Deus.” (Jó 19,  
25-26)

O quarto grupo remete à ‘Sagrada Família’. São estátuas representando famílias. Estão amontoadas, expressando o sofrimento e o abandono. São retirantes? Refugiados? Sem tetos? São pessoas que trazem bem marcadas as suas desventuras. São despossuídas, mas conservam um resto de afetividade, de dignidade, de humanidade.



Grupo V (dez fotos)

“Eu vos disse tais coisas  
para terdes paz em mim.  
No mundo tereis tribulações,  
mas tendes coragem:  
eu venci o mundo! (Jo 16, 33)

O quinto grupo, com dez estátuas, é marcado pela solidão, pela deformidade, por expressões aflitivas e, também, por uma espécie de contemplação. São seres jogados no mundo, sem vida social, sem amigos, sem, sem família, sem qualquer tipo de estrutura humana. Elas refletem a pobreza, o sofrimento, o abandono total.









Grupo VI (três fotos)

“Deus é justo juiz,  
lento para a cólera.” (Sl 7, 11)

O sexto grupo destoa dos trabalhos apresentados anteriormente. É possível que sejam experiências estéticas realizadas no percurso da autoafirmação do artista. Embora todos eles sejam realizados em pedra sabão, podemos perceber as diferenças entre eles e os outros trabalhos. Isto é comum até nos artistas muito consagrados.

Não temos fotos de nenhum trabalho em madeira. Eles são os que sobraram. Pelo material, não podendo ficar no tempo, com certeza, está com a família.

Este pequeno artigo tem a pretensão de ser um manifesto contra a destruição, a desvalorização e o desrespeito às artes presentes no mundo todo, mas de forma acentuada em nosso País. Quem não respeita a Arte não respeita quem as produz e as reflete.





Aporecida - Paisagem de Nova Friburgo

...to the ...  
...offer in top  
...of ...  
...And yet  
...to go on  
...only  
...only  
...only

...the ...  
...in their ...  
...to ...  
...potential ...  
...character of the federal ...

